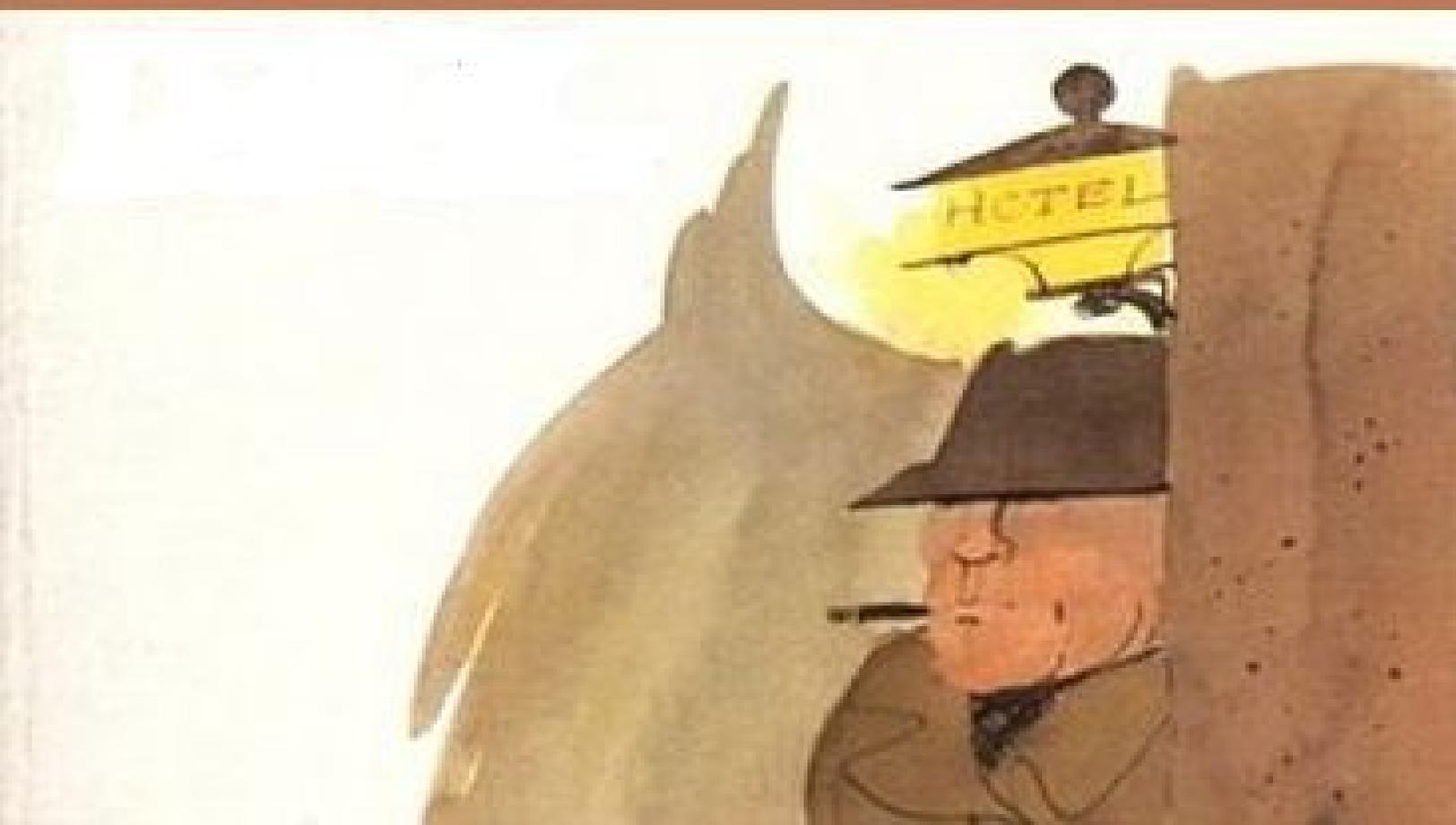


# GRAHAM GREENE

## O Terceiro Homem



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**GRAHAM GREENE**

# **O Terceiro Homem**

Título original inglês

**The Third Man**

1950

Tradução

Ana Maria Sampaio

# Sinopse

Escrito originalmente como argumento para um filme, que se tornou clássico, *O Terceiro Homem* é um romance que exhibe toda a habilidade narrativa de Graham Greene. A ação decorre em Viena após o fim da Segunda Guerra Mundial, num cenário de incerteza que se conjuga com a atmosfera misteriosa do enredo. A morte de Harry Lime, em circunstâncias suspeitas, leva seu amigo Rollo Martin a procurar razões do sucedido, deparando com um mundo de silêncio, perigo, corrupção e mentira. Alguns temas centrais, como consciência moral e as ansiedades do homem contemporâneo, surgem neste livro de um dos grandes autores britânicos do Século XX.

*Para Carol Reed, com admiração e afeto e em memória de muitas horas matinais passadas no Maxims, no Casanova e no Oriental.*

# Prefácio

*O Terceiro Homem* não foi escrito para ser lido, mas para ser visto. Tal como muitas ligações amorosas, começou a uma mesa de jantar e continuou, com muitas dores de cabeça, em vários locais: Viena, Veneza, Ravelo, Londres, Santa Monica.

Suponho que a maior parte dos romancistas traz nas suas cabeças ou blocos de apontamentos as primeiras ideias para histórias que nunca chegam a ser escritas. Por vezes lembramo-nos delas passados muitos anos e pensamos com pesar que deveriam ter sido boas, num tempo agora morto. Há anos, num sobrescrito, escrevi um parágrafo de abertura: despedira— me de Harry havia uma semana quando o seu caixão foi descido no solo gelado de Fevereiro, e foi portanto com incredulidade que o vi passar, sem um indício de reconhecimento, entre o enxame de estranhos na Strand. Eu, assim como o meu herói, perseguira Harry, e por isso, quando Sir Alexandre Korda me pediu que escrevesse um filme para Carol Reed, para se seguir ao nosso ídolo caído, não tinha mais nada para oferecer do que este parágrafo. Embora Korda quisesse um filme sobre a ocupação das Quatro Potências em Viena, estava preparado para me deixar seguir na pegada de Harry Lime.

É quase impossível escrever um roteiro para um filme sem primeiro escrever uma história. Até um filme depende, além do enredo, de uma certa dose de caracterização, disposição e atmosfera; e estas pareciam quase impossíveis de captar pela primeira vez num script.

Pode-se reproduzir um efeito apanhado em outro meio, mas não se pode realizar o primeiro ato da criação em forma de script. Deve haver a noção do que se precisa. *O Terceiro Homem*, pois, embora não escrito para ser publicado, teve de começar como uma história, perante as aparentemente intermináveis transformações de um tratamento para outro.

Nestes tratamentos, Carol Reed e eu trabalhamos muito tempo juntos, representando cenas um para o outro. Não houve terceiro que se nos reunisse; não há nada que valha as discussões objetivas entre duas pessoas. Para o romancista, claro, o seu trabalho é o melhor que consegue fazer com um tema específico; não pode deixar de ressentir muitas das alterações necessárias para o tornar num filme ou numa peça; mas *O Terceiro Homem* nunca pretendeu ser mais do que material para um filme. O leitor notará muitas diferenças entre a história e o filme e não deverá pensar que essas alterações foram impostas ou contra a vontade do autor, como também é provável não terem sido sugeridas por ele. O filme, na verdade, é melhor do que a história, porque, neste caso, é o estado acabado da história.

Algumas destas alterações têm razões superficiais óbvias. A escolha de uma estrela americana em vez de inglesa envolveu certas alterações. Por exemplo, Mr. Joseph Cotten opôs-se ao nome Rollo. O nome teria de ser absurdo, e o nome Holley ocorreu-me quando me lembrei daquela figura divertida que foi o poeta americano Thomas Holley Chivers. Também um americano dificilmente se poderia deixar confundir com o grande escritor inglês Dexter, cujo carácter literário tinha certas semelhanças com o género terno de Mr. E. M. Forster. A confusão de identidades teria sido impossível, mesmo que Carol Reed não se tivesse justamente oposto a uma situação que envolvia tantas explicações que tornavam ainda mais comprido o filme, já de si longo. Outro ponto de menor importância: por deferência para com a opinião americana, um romeno foi substituído por Cooler, uma vez que Mr. Orson Welles já nos tinha fornecido um vilão americano.

(Incidentalmente, o popular diálogo referente aos relógios de cuco suíços foi escrito pelo próprio Mr. Welles.) Uma das maiores discussões entre Carol Reed e eu disse respeito ao final, e tem-se provado que ele tinha razão. Eu defendia que um divertimento desta natureza era ligeiro demais para suportar o peso de um fim infeliz. Reed, por seu lado, pensava que o meu final, embora indeterminado e sem palavras, impressionaria a assistência por ser desagradavelmente cínico para aqueles que tinham visto Harry

morrer. Admito que só fiquei meio convencido; receava que as pessoas se mantivessem sentadas durante o longo passeio ao túmulo e saíssem do cinema com a impressão de que o final era tão convencional como o meu e mais vulgar. Eu não tinha dado importância suficiente à direção genial de Reed, e, nessa fase, nenhum de nós poderia prever a brilhante descoberta de Reed — Mr. Karas, o tocador de cítara.

O episódio do rapto de Anna pelos russos (um acidente perfeitamente possível em Viena) foi eliminado numa fase já tardia. Não estava satisfatoriamente ligado à história e ameaçava tornar o filme um quadro de propaganda. Não queríamos tocar nas emoções políticas das pessoas, queríamos entretê-las, assustá-las um pouco e fazê-las rir.

A realidade, na verdade, foi só um suporte para um conto de fadas; mas a história da penicilina é baseada numa história muito sinistra, já que os agentes estavam mais inocentes do que Joseph Harbin.

Outro dia, em Londres, um cirurgião levou dois amigos a ver o filme. Ficou surpreendido por os ver deprimidos com um filme que ele próprio apreciara. Disseram-lhe que no fim da guerra, quando estavam na Real Força Aérea, eles próprios tinham vendido penicilina em Viena. As consequências possíveis do seu ato nunca lhes tinham ocorrido antes.

**G.G.**

# Capítulo I

Nunca se sabe quando vem o golpe. Quando vi Rollo Martin pela primeira vez, tomei nota dele para meus arquivos policiais: "Em circunstâncias normais, um pateta inofensivo. Bebe demais e pode ser que venha a causar problemas. Sempre que vê uma mulher, olha-a atentamente e faz comentários, mas parece que, na verdade, quer mesmo é que o deixem em paz. Nunca chegou a crescer, e talvez isso explique sua admiração por Lime."

Escrevi a frase em circunstâncias normais, porque meu primeiro encontro com ele deu-se no funeral de Harry Lime.

Estávamos em fevereiro e os coveiros do Cemitério Central de Viena tiveram de usar brocas elétricas para abrir uma cova no solo gelado. Parecia que até a natureza tentara rejeitar Lime, mas por fim lá ficou sepultado. A cova foi tapada e Rollo Martin afastou-se rapidamente, como se suas pernas compridas quisessem desatar a correr, enquanto pelo seu rosto de homem de trinta e cinco anos corriam lágrimas de criança.

Rollo Martin acreditava na amizade, e foi por isso que os acontecimentos posteriores o chocaram muito mais do que teriam chocado a vocês ou a mim (vocês teriam atribuído isso à ilusão e eu arranjaria imediatamente, ainda que errada, uma explicação racional). Se ao menos ele tivesse vindo falar comigo, muitos problemas se teriam evitado.

Para que possam compreender esta história estranha e triste, é necessário que tenham uma ideia, pelo menos, do cenário — a lúgubre e destruída cidade de Viena dividida em zonas pelas Quatro Potências: a zona russa, a britânica, a americana, e a francesa, delimitadas por tabuletas, e, no centro da cidade, rodeada pelo Ring, com os seus pesados edifícios públicos e as suas estátuas de linhas arrojadas, ficava a Inner Stadt, sob o controle das Quatro Potências. Nesta Cidade Interior, outrora elegante, cada potências exercia, durante trinta dias, a presidência, tornando-se responsável

pela segurança; à noite, se se fosse suficientemente imprevidente para gastar os xelins austríacos num clube noturno, seria visto sem dúvida o Poder Internacional em ação — quatro policiais militares, um de cada poder, comunicando-se, se é que se comunicavam, na língua do inimigo comum.

Não conheci Viena no período entre as guerras e sou jovem demais para me lembrar da velha Viena com a música de Strauss e seu encanto fácil; para mim, não passa de uma cidade em ruínas que neste mês de fevereiro se tornaram grandes glaciares de neve e gelo.

O Danúbio era um rio cinzento e lamacento que corria ao longo do Segundo Bezirk, a zona russa onde jaziam as ruínas do Prater, desoladas e cheias de ervas daninhas; só a Grande Roda girava lentamente por entre os alicerces dos carrosséis, como um moinho abandonado, a amálgama enferrujada dos destroços dos tanques que ninguém se dera ao trabalho de remover, as ervas crestadas que saíam da neve. Não tenho imaginação suficiente para visualizar Viena como fora antes, como também só sou capaz de imaginar o Hotel Sacher como um hotel de trânsito para oficiais ingleses, e não consigo ver a Kärntnerstrasse como uma rua de lojas elegantes; para mim, é uma rua que só existe, na sua maior parte, até o nível dos olhos, ou com lojas reconstruídas até o primeiro andar.

Passa um soldado russo com capa de pele e espingarda ao ombro, algumas prostitutas aglomeram-se junto ao American Information Office (Escritório Americano de Informação), e homens encasacados bebem café *ersatz* atrás das vitrines da Old Vienna. À noite pode-se muito bem ir à Cidade Interior ou às zonas de três dos Poderes, embora até aí ocorram raptos que às vezes nos pareciam raptos sem pé nem cabeça — uma mulher ucraniana sem passaporte, um homem já idoso, às vezes, claro, o técnico ou o traidor.

Era esta a Viena onde Rollo Martin chegou em 7 de fevereiro. Reconstituí o caso o melhor que pude a partir dos meus arquivos e do que Martin me contou. O relato é tão fiel quanto possível — tentei não inventar nem uma linha do diálogo, embora não possa

garantir a fidelidade da memória de Martin; uma história lúgubre se se excluir a moça; lúgubre e triste se não fosse aquele absurdo episódio do conferencista do Instituto Britânico.

## Capítulo II

Um súdito britânico ainda pode viajar desde que se contente em levar as cinco libras que está autorizado a gastar no estrangeiro, mas se Rollo Martin não tivesse recebido um convite de Lime, do Gabinete Internacional para Refugiados, nunca teria sido autorizado a entrar na Áustria, país ainda considerado ocupado. Lime sugerira que Martin dissesse estar tratando dos refugiados internacionais, e, embora não fosse seu gênero, ele consentiu. Seriam umas férias de que ele bem necessitava depois do incidente em Dublin e do outro incidente em Amsterdam; ele tentava sempre afastar as mulheres de seus pensamentos, qualificando-as de incidentes, coisas que lhe aconteciam por acaso, independentemente da sua vontade, atos de Deus aos olhos dos agentes de seguros. Na chegada a Viena, tinha no rosto uma expressão de ansiedade, e o seu hábito de olhar por cima do ombro despertou-me suspeitas, até eu perceber que ele vivia em permanente temor de ver aparecer meia dúzia de pessoas.

Contou-me vagamente que fizera umas confusões — era outra forma de pôr as coisas.

A ocupação habitual de Rollo Martin era escrever Westerns baratos, que assinava com o nome de Buck Dexter. Seu público era vasto, mas sem dinheiro. Não teria podido ir a Viena se Lime não se tivesse oferecido para lhe pagar as despesas de um hipotético fundo de propaganda. Lime podia também, disse ele, dar-lhe bafs em papel, que era a única moeda em curso nos hotéis e clubes ingleses. E foi assim que Martin chegou a Viena com cinco inúteis notas de libra.

Um estranho incidente ocorrera em Frankfurt, onde o avião vindo de Londres fizera escala durante uma hora. Martin comia um hambúrguer na cantina americana (a companhia de aviação fornecia generosamente aos passageiros um bônus de alimentação no valor

de sessenta e cinco cents), quando um homem que se via à distância ser jornalista se aproximou da sua mesa.

— É Mr. Dexter? — perguntou.

— Sim — disse Martin, desprevenido.

— Parece mais novo do que nas fotografias — disse o homem. — Não quer fazer declarações? Represento o jornal das forças locais. Gostaríamos de saber o que pensa de Frankfurt.

— Cheguei há apenas dez minutos.

— Certo — disse o homem. — Que acha do romance americano?

— Não leio — respondeu Martin.

— O conhecido humor ácido — disse o jornalista. E apontou para um homenzinho de cabelo cinzento e dentes proeminentes que mordía um pedaço de pão.

— Sabe se aquele é Carey?

— Não. Que Carey?

— J. G. Carey, claro.

— Nunca ouvi falar dele.

— Vocês, romancistas, vivem num mundo à parte. Era com ele que eu queria falar.

E deixou Martin, dirigindo-se ao grande Carey, que o recebeu com um sorriso falso, pousando o pão. Martin não pôde deixar de sentir um certo orgulho — nunca ninguém se referira a ele como um romancista; e essa sensação de orgulho e importância ultrapassou o desapontamento que sentira por Lime não o ter ido esperar ao aeroporto. Nunca nos habituamos a ser menos importantes para as outras pessoas do que elas são para nós — Martin sentiu a pequena alfinetada de abandono, encostado à porta do autocarro, enquanto observava a neve que caía, tão fina e macia que o lençol que cobria os edifícios em ruínas apresentava um ar uniforme, como se não fosse o resultado deste nevão e se perpetuasse acima da linha da neve.

Lime também não o aguardava no Hotel Astória, nem lá deixara qualquer mensagem — só um recado para Mr. Dexter de alguém, de quem ele nunca ouvira falar, chamado Crabbin: "Esperávamo-lo no avião de amanhã. Por favor, fique onde está. O

quarto está reservado." Mas Rollo Martin não era o tipo de homem para ficar por ali. Ele pensava que quem permanecesse muito tempo num átrio de hotel acabaria por se ver metido em sarilhos.

Lembro-me de o ouvir dizer-me: "Estou farto de incidentes.

Basta de incidentes", antes de se envolver no incidente mais sério de todos. Havia sempre um conflito no íntimo de Rollo Martin — entre o absurdo nome cristão e o sólido apelido holandês que era de há quatro gerações. Rollo olhava para cada mulher que passava e Martin renunciava a elas para sempre.

Não sei qual dos dois escreveu os westerns.

Martin tinha o endereço de Lime e não sentia qualquer curiosidade sobre o homem chamado Crabbin; era óbvio que tinha havido um engano, embora ele não o associasse à conversa de Frankfurt. Lime dissera-lhe que o poderia albergar na sua própria casa, um apartamento amplo nos subúrbios de Viena, requisitado ao proprietário nazi. Lime pagaria o táxi quando lá chegasse; e, assim, Martin dirigiu-se diretamente ao edifício que ficava na terceira zona (britânica). Deixou o táxi à espera enquanto subiu ao terceiro andar.

Com que rapidez nos apercebemos do silêncio, mesmo numa cidade silenciosa como Viena, com a neve a cair incessantemente! Antes de chegar ao segundo andar, já estava convencido de que não encontraria Lime, mas o silêncio era mais profundo do que a mera ausência, era como se Lime não estivesse em Viena; e, quando chegou ao terceiro andar e viu sobre a maçaneta um grande laço preto, teve a certeza de que não encontraria Lime em parte alguma. Claro que podia ter sido a cozinheira ou a governanta a morrer, qualquer pessoa exceto Harry Lime, mas ele soube, soubera já vinte degraus abaixo, que Lime, o Lime que ele venerara como herói durante vinte anos, desde o primeiro encontro no corredor sombrio da escola enquanto um sino rachado tocava as ave-marias, já não era deste mundo. Martin não estava completamente enganado. Depois de ter tocado a campainha meia dúzia de vezes, um homenzinho de aspecto bilioso, saído de outro apartamento, pôs a cabeça de fora e disse-Lhe em tom agastado: — Não vale a pena tocar mais. Não está lá ninguém. Ele morreu.

— Herr Lime? — Claro, Herr Lime.

Martin disse-me mais tarde: — A princípio, aquilo não significou nada. Apenas uma mera informação, como aqueles parágrafos no The Times chamados "Notícias breves".

Eu perguntei-lhe: — Quando aconteceu? Como? — Foi atropelado por um automóvel, na quinta-feira passada — disse o homem. E acrescentou em tom de desinteresse, como se nada fosse com ele: — Vão enterrá-lo esta tarde. Perdeu-os por pouco.

— Eles? — Oh, um par de amigos e o caixão. — Não esteve no hospital? — Não tinha sentido mandá-lo para o hospital. Ele foi morto aqui à porta, instantaneamente. O guarda-lamas direito atingiu-o no ombro e levou-o à frente do carro como se fosse um coelho., Só então, contou-me Martin, quando o homem empregou a palavra coelho é que o falecido Harry Lime tomou vida e se tornou o rapaz com uma arma que ensinara a Martin a maneira de arranjar outra, o rapazinho que corria pelos outeiros arenosos de Brickworth a gritar: "Atira, palerma, atira! Ali!" E o coelho, a coxear, fugira, ferido pelo tiro de Martin.

— Onde vão enterrá-lo? — perguntou ao estranho.

— No Cemitério Central. Vai ser difícil, por causa da neve. Não fazia ideia de como iria pagar o táxi ou de como arranjar um quarto onde pudesse viver por cinco libras esterlinas, mas esse problema teria de ser adiado até acompanhar Harry Lime à sua última morada. Seguiu a direito para o subúrbio (zona britânica) onde ficava o Cemitério Central. Para lá chegar passava-se pela zona russa e atravessava-se a zona americana, que era fácil de identificar devido às lojas de gelados que havia por toda a parte. Os elétricos corriam ao longo do muro do cemitério e do outro lado, ao longo de quase dois quilómetros, estendiam-se as lojas de floristas e funerárias, uma cadeia aparentemente interminável de lápides à espera de dono e grinaldas de flores à espera de enlutados.

Martin não se apercebera da extensão desse enorme parque coberto de neve onde ia pela última vez encontrar-se com Harry Lime. Era como se Harry lhe tivesse deixado esta mensagem: "Encontramo-nos em Hyde Park", sem especificar o local entre a estátua de Aquiles e Lancaster Gate: as ruas do cemitério estavam

todas numeradas e abriam-se em todos os sentidos, como Os raios de uma roda enorme; seguiram os próximos oitocentos metros para oeste e depois viraram para sul... A neve conferia aos pomposos jazigos de família um ar de comédia grotesca; uma cabeleira de neve deslizava por um rosto angélico, um extenso bigode branco enfeitava um santo e uma pasta de neve colava-se ao busto de um funcionário público importante chamado Wolfgang Gottmann. Mesmo este cemitério estava dividido pelos Poderes: a zona russa era assinalada por enormes estátuas de homens armados, a francesa por filas de cruces de madeira anônimas e uma bandeira tricolor rasgada. De súbito, Martin lembrou-se de que Lime era católico e que era pouco provável que o enterrassem na zona britânica, onde o tinham procurado em vão. Voltaram para trás e atravessaram o coração de uma floresta onde os túmulos jaziam como lobos sob as árvores, com os olhos brancos a brilhar sob a folhagem. De sob as árvores apareceu um grupo de três homens envergando estranhos fatos do século xviii, negros e prateados, com chapéus de três bicos, puxando um carrinho de mão; atravessaram um caminho aberto naquela floresta de sepulturas e desapareceram de novo.

Foi por acaso que encontraram o préstito a tempo; uma mancha negra no enorme parque nevado assinalava uma sepultura recém-aberta e havia um pequeno grupo de pessoas, aparentemente ocupadas com um assunto de caráter privado.

Um padre acabara de falar e as suas palavras saíam como em confidência através da neve fina. O caixão preparava-se para ser descido para a terra. Encontravam-se dois homens ao lado da sepultura; um trazia uma coroa de flores, que obviamente se esquecera de colocar junto da urna, deixando-a cair quando o companheiro lhe deu uma cotovelada. Um pouco afastada estava uma jovem com o rosto coberto pelas mãos. Quanto a mim, fiquei afastado uns vinte metros, junto a outra sepultura, vendo com alívio desaparecer os restos de Lime e reparando cuidadosamente em quem lá se encontrava — para Martin eu era apenas um homem de impermeável. Abeirou-se de mim e perguntou: — Sabe dizer-me quem estão a enterrar? — Um tipo chamado Lime — respondi, e

fiquei surpreendido por ver que o estranho tinha lágrimas nos olhos; ele não tinha o aspecto de homem que chora, nem Lime fora o tipo de pessoa cuja morte pudesse ser lamentada — genuinamente lamentada, com lágrimas genuínas. Havia a rapariga, claro, mas as mulheres excluem-se sempre destas generalizações.

Martin manteve-se ao meu lado até ao fim. Disse-me mais tarde que, como velho amigo, não queria parecer intrometido junto dos novos — a morte de Lime pertencia-Lhes. Deixá-los com ela. Ele tinha a ilusão sentimental de que a vida de Lime, pelo menos vinte anos dela, lhes pertencia.

Logo que a cerimônia acabou — eu não sou um homem religioso e torno-me impaciente com o reboliço que se gera à volta da morte —, Martin afastou-se nas suas pernas compridas, que pareciam emaranhar-se uma na outra, e regressou ao táxi. Não fez qualquer tentativa para falar fosse com quem fosse e as lágrimas agora corriam-Lhe pelo rosto, pelo menos as escassas lágrimas que uma pessoa da nossa idade consegue verter.

Como devem saber, a ficha de uma pessoa nunca está completa; um caso nunca se encontra verdadeiramente encerrado, mesmo um século depois, quando todos os participantes estão mortos. Por isso segui Martin. Já conhecia os outros três, queria agora conhecer o estranho. Apanhei-o junto ao táxi e disse: — Não tenho transporte. Dá-me uma boleia para a cidade? — Claro — disse ele. Eu sabia que o motorista do meu jipe não deixaria de me ver à saída e estava seguro de que nos seguiria. Quando nos afastamos, notei que Martin não olhava para trás. São quase sempre os falsos amigos e falsos amantes que olham para trás, que acenam nas plataformas, em vez de desaparecerem rapidamente sem olharem para trás. Será porque gostam tanto de si próprios que teimam em se expor aos olhos dos outros, mesmo dos mortos? — Chamo-me Calloway — disse eu.

— Martin — disse ele.

— Era amigo de Lime? — Sim.

A maior parte das pessoas, durante a última semana, teria hesitado antes de admitir isto.

— Está cá há muito? — Cheguei esta tarde de Inglaterra. Harry convidara-me a vir até cá. Não sabia de nada.

— Deve ter sido um choque.

— Ouça — disse Martin —, estou mesmo a precisar de uma bebida, mas não tenho dinheiro — exceto cinco libras esterlinas.

Foi a minha vez de dizer: — Claro! Fiquei a pensar durante um momento e depois indiquei ao motorista o nome de um pequeno bar em Krntnerstrasse. Não me pareceu que Martin estivesse interessado em ser visto num movimentado bar inglês cheio de oficiais em trânsito e das suas mulheres. Este bar, talvez devido aos seus preços exorbitantes, raramente tem mais clientes do que um parzinho enlevado. O pior é que só serviam uma espécie de bebida, — um licor de chocolate doce, que o criado cobrava ao preço do conhaque, mas fiquei com a impressão de que Martin não se opunha a qualquer tipo de bebida, desde que lhe fizesse esquecer o presente e o passado. Na porta estava o letreiro habitual informando que o bar estava aberto das seis às dez, mas só tivemos de empurrar a porta e entrar; o tal parzinho estava ao nosso lado e o criado, que me conhecia, deixou-nos com algumas sanduíches de caviar. Por sorte, o criado também sabia que eu tinha conta aberta.

Martin, na segunda bebida, disse: — Desculpe, mas ele foi o melhor amigo que já tive.

Não resisti a dizer, sabendo o que sabia, e porque estava ansioso por o humilhar (é assim que se conseguem muitas informações): — Isso soa a romance barato. Ele disse rapidamente: — Eu escrevo romances baratos.

Já conseguira saber alguma coisa. Até ele tomar a terceira bebida, tive a impressão de que não era homem de muitas falas, mas tinha a certeza de que depois da quarta bebida se podia tornar agressivo.

— Fale-me de si e de Lime — pedi-lhe.

— Ouça lá — disse ele: — Eu preciso de outra bebida, mas não posso continuar a cravar um estranho. Pode trocar-me uma libra por dinheiro austríaco? — Não se preocupe com isso — disse eu, e chamei o criado. — Pode retribuir-me quando eu for a Londres

de licença. Ia dizer-me como conheceu Lime? Pela maneira como ele olhava e revirava o copo de licor de chocolate, este poderia ser de cristal.

— Foi há muito tempo — disse. — Penso que pouca gente terá conhecido o Harry tão bem como eu.

Ao ouvir isto, pensei no volumoso processo que tinha no meu gabinete e nas dezenas de relatórios que corroboravam esta afirmação. Confio bastante nos meus agentes, informei-me bem sobre todos eles.

— Há quanto tempo? — Vinte anos, talvez mais. Conheci-o no meu primeiro período da escola. Estou a ver o local, o quadro onde afixavam as notas e a campainha a tocar. Ele era um ano mais velho e conhecia as regras. Alertou-me para muitas coisas. — Tragou rapidamente mais um gole e voltou a fitar o cálice que rodava entre os seus dedos, como que para ver melhor o seu conteúdo.

— É curioso. Recordo-me melhor disto do que do meu primeiro encontro com uma mulher.

— Ele era bom aluno? — Não da forma que queriam que fosse. Mas as coisas que ele imaginava! Traçava planos fantásticos. Eu era muito melhor do que ele em História e em Inglês, mas falhava redondamente quando se tratava de executar os seus planos.

Riu-se. Já estava a começar, com o auxílio das bebidas e da conversa, a recuperar do choque da morte.

— Quem era sempre apanhado era eu.

— Isso convinha a Lime.

— Que raio quer dizer? — perguntou irritado, acusando os efeitos do álcool.

— Bem, não convinha? — A culpa era minha, não dele. Ele podia ter arranjado alguém mais esperto, se quisesse, mas gostava de mim.

"Claro", pensei eu, "a criança é pai do homem", porque também eu achara Lime muito paciente.

— Quando o viu pela última vez? — Oh, estive em Londres há seis meses para participar num congresso médico. Sabe, ele era

formado em Medicina, embora nunca praticasse. Isso era típico de Harry. Assim que provava ser capaz de fazer qualquer coisa, perdia o interesse. Costumava dizer que isso às vezes lhe era útil.

E também isto era verdade. Era estranho quão semelhante era o Lime que ele conhecia com o Lime que eu conhecia: só que ele considerava a imagem de Lime vista de um ângulo diferente ou via-o sob uma luz diferente.

— Uma das coisas que eu apreciava em Harry era o seu humor — disse. Esboçou uma careta, que o fez parecer cinco anos mais novo. — Às vezes gosto de me fazer engraçado, mas Lime tinha verdadeiro talento. Sabe, ele podia ter sido um grande compositor de música ligeira, se se tivesse interessado.

E assobiou uma melodia que me pareceu familiar.

— Lembro-me sempre disto. Vi Harry escrevê-la, em poucos minutos, nas costas de um sobrescrito. Era o que ele assobiava quando estava preocupado. Era a sua rubrica musical.

Assobiou a melodia pela segunda vez, e eu então identifiquei a música.

Sabia quem a escrevera, mas não fora Harry Quase Lho disse, mas de que valia? A melodia começou a arrastar-se e depois morreu-lhe nos lábios. Ele pôs-se a olhar para o copo, bebeu o que restava e disse: — É uma pena pensar que ele morreu daquela maneira.

— Foi a melhor coisa que lhe aconteceu — disse eu.

Ele não percebeu logo o significado, estava já um pouco tonto com a bebida.

— A melhor coisa? — Sim.

— Quer dizer que ele não teve sofrimento? — Também aí teve sorte.

Foi o meu tom de voz, e não as minhas palavras, que atraiu a atenção de Harry. Perguntou delicada e ameaçadoramente, com a mão direita a tremer: — Onde quer chegar? Não vale a pena demonstrar coragem física em todas as situações: afastei a minha cadeira o suficiente para ficar fora do seu alcance e disse: — Quero dizer que o processo dele estava quase pronto na Polícia. Iria

cumprir uma longa pena — muito longa mesmo, se não fosse o acidente.

— Porquê? — Era o traficante de vida mais suja nesta cidade.

Vi-o medir com um olhar a distância que nos separava e convencer-se de que não podia atingir-me com o punho. Rollo estava ansioso por me atingir, mas Martin era prudente.

Martin, comecei a percebê-lo, era perigoso. Perguntei a mim mesmo se afinal não me teria enganado: era impossível que Martin fosse o simplório que Rollo mostrara ser.

— Você é polícia? — Sim.

— Sempre detestei polícias. Ou são vigaristas ou estúpidos.

— São desse gênero os livros que escreve? Vi-o desviar a cadeira para me bloquear o caminho. Olhei para o criado e ele percebeu o que eu queria dizer; há vantagens em utilizar sempre o mesmo bar para os encontros.

Martin sorriu ligeiramente e disse: — Eu chamo-lhes xerifes.

— Já esteve na América? Estava a ser uma conversa tonta.

— Não. Isto é um interrogatório? — Só curiosidade.

— Porque, se Harry era um escroque, eu também devo ser.

Sempre trabalhamos juntos. — Atrevo-me a dizer que ele tencionava dar-lhe um lugar na organização. Não me surpreenderia que contasse consigo para lhe atirar com a criança para os braços. Era esse o método dele na escola, não era? E, como vê, o diretor começava a perceber uma ou duas coisas.

— Você está a avançar de mais, não está? Descobriram aí algum negócio com gasolina e, como não tinham culpado, resolveram atirar com tudo para cima de um morto. Isso é mesmo de um polícia. Suponho que você é mesmo um polícia.

— Sim, da Scotland Yard, mas quando estou de serviço põem-me uma farda de coronel.

Ele encontrava-se agora entre mim e a porta. Não podia afastar-me da mesa sem ficar ao alcance dele. Não sou de lutas, e, de qualquer modo, ele tinha mais uns centímetros de vantagem.

— Não era gasolina — disse eu.

— Pneus, sacarina; porque é que vocês, polícias, não apanham uns assassinos para variar? — Bom, podemos dizer que o

assassinato constava também da lista dele.

Com uma mão, ele empurrou a mesa e com a outra veio direito a mim; a bebida alterou-lhe a proporção da distância. Antes que pudesse voltar a tentar, o meu motorista agarrou-o pelos braços.

— Não o trates mal. Não passa de um escritor com uns copos a mais — disse eu.

— Esteja quieto, senhor — disse o meu motorista, que tinha um sentido exagerado em relação às pessoas da mesma categoria. Provavelmente teria chamado senhor a Lime.

— Ouça, Callaghan, ou como raio você se chama...

— Calloway. Sou inglês e não irlandês.

— Vou fazê-lo passar pelo maior pateta em Viena. Não vou deixar que deite as culpas para cima de um homem morto.

— Estou a perceber. Vai descobrir o verdadeiro criminoso? Isso parece uma das suas histórias.

— Pode largar-me, Callaghan. Prefiro fazer de si um palerma a pôr-lhe um olho negro. Mas quando acabar consigo, terá de sair de Viena.

Tirei da carteira algumas notas e coloquei-lhas no bolso do casaco.

— Isso dá-lhe para esta noite — disse eu —, e garanto-lhe que Lhe reservaremos um lugar no avião que sai amanhã para Londres.

— Não pode pôr-me fora. Os meus papéis estão em ordem.

— Sim, mas esta é uma cidade como as outras. Vai precisar de mais dinheiro. Se tentar trocar as libras esterlinas no mercado negro, meto-o dentro no prazo de vinte e quatro horas.

Larga-o.

Rollo Martin sacudiu-se.

— Obrigado pelas bebidas — disse.

— Não tem importância.

— Ainda bem que não tenho de mostrar gratidão. Suponho que isto vai entrar na folha de despesas.

— Sim.

— Volto a vê-lo dentro de uma semana ou duas, quando eu já tiver provas.

Percebi que ele estava zangado, mas na altura não o tomei a sério. Pensei que ele estava a representar para ganhar ânimo.

— Sou capaz de aparecer para o pôr fora amanhã.

— Se fosse a si, não perdia tempo. Não me encontrará.

— Aqui o Paine indica-lhe o caminho para o Sacher. Lá pode arranjar cama e comida. Eu trato disso. Afastou-se para o lado como que para deixar passar o criado e atirou-se sobre mim. Ao fugir dele, bati contra a mesa.

Antes que ele pudesse tentar de novo, Paine assestou-lhe um murro na boca. Ele caiu entre as mesas e levantou-se, a sangrar dos lábios.

— Pensei que você não estava para agressões — disse eu.

Ele limpou o sangue com a manga da camisa e disse: — Oh, não, eu disse que preferia vê-lo fazer figura de parvo. Não disse que não iria pôr-lhe um olho negro também.

Eu tivera um dia longo e estava cansado de Rollo Martin.

Disse para Paine: — Leva-o até ao Sacher. E, se ele se portar bem, não lhe batas.

Afastei-me de ambos, dirigi-me para o bar (merecia mais uma bebida) e ouvi Paine dizer respeitosamente para o homem que acabara de agredir: — Por aqui, por favor, senhor. É já ali na esquina.

## Capítulo III

O que aconteceu a seguir não o ouvi da boca de Paine, mas de Martin, bastante tempo depois, quando reconstituía a cadeia de acontecimentos que, embora não da maneira que ele esperava, fizeram de mim parvo.

Paine limitara-se a apresentá-lo na recepção e a dizer: — Este senhor chegou de Londres. O coronel Calloway quer que lhe arranjem um quarto. — Tendo explicado isto, disse: — Boa noite, senhor — e saiu. Sentia-se, talvez, embaraçado por Martin ter o lábio a sangrar.

— Já tem reserva, senhor? — perguntou o porteiro.

— Não, acho que não — disse Martin numa voz confusa, comprimindo o lenço contra a boca.

— Pensei que o senhor talvez fosse Mr. Dexter. Há uma semana que temos um quarto reservado para Mr. Dexter.

Martin disse: — Oh, eu sou Mr. Dexter.

Contou-me mais tarde que Lhe ocorrera que Lime Lhe poderia ter reservado um quarto sob aquele nome, talvez porque Buck Dexter era o nome utilizado na publicidade, e não Rollo Martin.

Uma voz disse por trás: — Lamento que o não tenham ido esperar ao avião, Mr. Dexter.

Chamo-me Crabbin.

Quem falava era um homem gordo e ainda novo, com uma voz nasalada e óculos de tartaruga com as lentes mais grossas que Martin vira até então. Continuou em tom apologético: — Um dos nossos homens telefonou para Frankfurt e soube que o senhor vinha no avião. Recebemos um telegrama a dizer que não vinha. Mencionava qualquer coisa sobre a Suécia. Logo que soube da sua chegada, tentei ir esperá-lo ao aeroporto, mas não cheguei a tempo. Recebeu a minha mensagem? Martin levou o lenço à boca e

disse em tom vago: — Sim, "sim..." — Permita-me que lhe manifeste o meu prazer por o conhecer pessoalmente.

— Ainda bem.

— Desde pequeno que o considero o maior romancista do século.

Martin fez uma careta. Era-lhe doloroso abrir a boca para protestar. Em vez disso, olhou para Mr. Crabbin com ar zangado, mas era-lhe difícil imaginar o jovem a gozá-lo.

— Têm um vasto público austríaco, Mr. Dexter, tanto os seus originais como as suas traduções. Especialmente A Proa Curva, que é um dos meus preferidos.

Martin reflectia ativamente.

— Falou num quarto por uma semana? — Sim.

— Muito gentil da sua parte.

— Mr. Schmidt dar-lhe-á cupões todos os dias para cobrir as refeições. Mas naturalmente vai precisar de um dinheirito para despesas. Vamos tratar disso. Pensamos que amanhã gostaria de ter um dia calmo para dar uma volta.

— Sim.

— Claro que qualquer de nós está à sua disposição, se precisar de um guia. Depois de amanhã, ao fim da tarde, há uma pequena conferência no Instituto sobre o romance contemporâneo. Pensamos que, para abrir, talvez pudesse dizer algumas palavras e depois responder a algumas perguntas. Naquele momento, Martin estava disposto a concordar com tudo, desde que se livrasse de Mr. Crabbin, depois de ter assegurado uma semana de alojamento e comida; e Rollo, claro, tal como eu viria a descobrir mais tarde, estava sempre preparado para aceitar qualquer sugestão — para uma bebida, uma rapariga, uma piada, um divertimento novo.

— Claro, claro — disse ele desta vez, com o lenço contra a boca.

— Desculpe, Mr. Dexter, está com dor de dentes? Conheço um bom dentista.

— Não. Fui agredido, é só isso.

— Meu Deus! Onde tentaram roubá-lo? — Não, foi um soldado. Tentei esmurrar-lhe o coronel.

Retirou o lenço para que Crabbin olhasse para a sua boca maltratada. Contou-me depois que Crabbin ficou sem palavras.

Martin não percebeu porquê porque nunca lera as obras do seu grande contemporâneo Benjamin Dexter; nem sequer ouvira falar dele. Eu sou um grande admirador de Dexter, por isso entendi o espanto de Crabbin. Dexter tem sido classificado como um estilista, juntamente com Henry James, mas a subtileza feminina está mais acentuada nele do que no seu mestre — os seus detratores já o têm descrito como subtil, complexo, a cheirar a solteirona. Para um homem no início dos cinquenta, o seu interesse apaixonado pelas rendas e o seu hábito de acalmar um espírito não muito tumultuoso com coisas frívolas, particularidade que os seus discípulos adoram, são considerados por outros como sinal de afectação.

— Já leu um livro chamado O Cavaleiro Solitário de Santa Fé?  
— Não, julgo que não. — O melhor amigo deste cavaleiro solitário foi atingido a tiro pelo xerife de uma cidade chamada Lost Claim Gluch. A história conta como ele perseguiu aquele xerife, legalmente, até a sua vingança ser completa.

— Nunca pensei que lesse westerns, Mr. Dexter — disse Crabbin; e foi precisa toda a delicadeza de Martin para impedir Rollo de dizer: "Mas se eu os escrevo..." — Bem, estou disposto a fazer o coronel Callaghan passar um mau bocado.

— Nunca ouvi falar dele.

— Já ouviu falar de Harry Lime? — Sim — respondeu Crabbin cautelosamente —, mas nunca o conheci.

— Eu conheci. Era o meu melhor amigo.

— Eu não o classificaria como uma personagem muito literária.

— Nenhum dos meus amigos o é.

Crabbin pestanejou nervosamente por detrás das lentes. Disse com ar apaziguador: — Ele interessava-se por teatro. Uma amiga dele, sabe, está a aprender inglês no Instituto. Ele apareceu lá a buscá-la uma ou duas vezes.

— Velha ou nova? — Oh, nova, muito nova. Na minha opinião, não era boa atriz.

Martin lembrou-se da rapariga que vira junto ao túmulo, com as mãos no rosto.

— Gostaria de conhecer qualquer amigo de Harry — disse.

— Ela é capaz de assistir à sua conferência.

— Austríaca? — Ela diz que é austríaca, mas eu suspeito de que é húngara.

Trabalha em Josefstadt.

— Porque diz ser austríaca? — Às vezes, os russos interessam-se pelos húngaros. Eu não me surpreenderia se Lime a tivesse ajudado com os papéis. Ela diz chamar-se Schmidt. Anna Schmidt. Não se imagina uma jovem atriz inglesa a chamar-se Smith, não? E bonita, também. Sempre me pareceu demasiado anônimo para ser verdade.

Martin sentiu que já tinha tirado tudo o que podia de Crabbin; portanto, pretextou cansaço, um dia muito longo, prometeu telefonar de manhã, aceitou dinheiro no valor de dez libras para despesas imediatas e foi para o seu quarto. Parecia-Lhe estar a ganhar dinheiro muito rapidamente — doze libras em menos de uma hora.

Sentia-se cansado: percebeu isso quando se estendeu com as botas em cima da cama. Um minuto depois, já Viena ficara muito para trás e ele caminhava por um bosque denso enterrado na neve. Um mocho piou e ele sentiu-se de repente só e assustado.

Tinha um encontro marcado com Harry sob uma árvore, mas, numa mata tão densa, como poderia reconhecer uma árvore das outras? Então, viu uma figura a correr para ele; assobiava uma melodia conhecida, e o seu coração palpitou de alívio e alegria por não estar sozinho. A figura voltou-se e, afinal, não era Harry — apenas um estranho que lhe fez uma careta e que ocupava uma clareira de neve derretida e lamacenta, enquanto o mocho continuava a piar. Acordou subitamente com o som do telefone ao lado da cama.

Uma voz com sotaque estrangeiro, só um ligeiro sotaque, disse: — É Mr. Rollo Martin? — Sim. — Sempre era uma mudança voltar a ser ele e não Dexter.

— Não me conhece — disse a voz, desnecessariamente —, mas fui amigo de Harry Lime.

Também era uma mudança ouvir alguém dizer-se amigo de Harry Lime. O coração de Martin alegrou-se. — Terei muito prazer em o conhecer — disse.

— Estou aqui perto, em Old Vienna.

— Não poderia ficar para amanhã? Hoje já tive um dia muito ocupado.

— Harry pediu-me que verificasse se você estava bem. Eu estava com ele quando morreu.

— Pensei — disse Rollo Martin, e depois parou. Estivera prestes a dizer: "Pensei que ele morrera instantaneamente, mas alguma coisa o fez acautelar-se. Em vez disso, disse: — Não me disse o seu nome.

— Kurtz — respondeu a voz. — Eu prontificava-me a ir aí, mas, sabe, os austríacos não estão autorizados a entrar no Sacher.

— Talvez nos pudéssemos encontrar em Old Vienna pela manhã.

— Está bem — disse a voz. — Se até lá tiver a certeza de que fica em segurança.

— Harry pensava que você estaria sem dinheiro.

Rollo Martin estava esticado na cama com o auscultador contra o ouvido e pensou: "Vem a Viena para fazer dinheiro." Este era o terceiro estranho que lhe oferecia dinheiro em menos de cinco horas.

Disse cautelosamente: — Oh, arranjar-me-ei até lá.

Não valia a pena rejeitar uma boa oferta até saber qual era.

— Digamos, onze, então, em Old Vienna, Kárltnerstrasse? Levarei um fato castanho e um dos seus livros.

— Está ótimo. Como o arranjou? — Harry deu-mo.

A voz tinha um encanto enorme e uma certa sinceridade, mas, depois de Martin se ter despedido e desligado, não pôde deixar de pensar porque é que Harry, tão consciente antes de morrer, não teria mandado um telegrama para o impedir de vir. Então Callaghan não tinha dito que Lime morrera instantaneamente, ou fora sem dor, ou teria sido ele a colocar as

palavras na boca de Callaghan? E foi então que a ideia de que a morte de Lime não fora natural se alojou firmemente no espírito de Martin. A ideia de que havia algo que a Polícia fora muito estúpida para descobrir. Tentou perceber o quê com a ajuda de dois cigarros, mas adormeceu sem jantar e com o mistério por resolver. Fora um longo dia, mas não suficientemente longo para isso.

## Capítulo IV

— O que me desagradou nele logo à primeira vista — disse Martin — foi a peruca. Era um desses chinós que não enganavam ninguém: mal assente, empastado, com o cabelo cortado em franja na nuca. Deve haver qualquer coisa de falso num homem que não aceita a calvície de bom grado. Tinha um daqueles rostos com rugas bem vincadas, quase dispostas artisticamente para expressar graça, encanto e simpatia. Tinha aspecto de homem para agradar a colegiais românticas.

Esta conversa ocorreu alguns dias mais tarde; ele contou-me a história quando a pista já estava quase apagada. Estávamos sentados em Old Vienna à mesa que ele ocupara nessa manhã com Kurtz; e quando ele fez aquele comentário sobre rapariguinhas românticas notei que o seu olhar atormentado assumia uma fixidez repentina. Era uma rapariga, como qualquer outra, que caminhava apressadamente sobre a neve.

— Alguma coisa de jeito? Martin voltou o olhar para mim e disse: — Já não me interessa por isso. Sabe, Calloway, há uma altura na vida de um homem em que se desiste de tudo...

— Percebo. Julguei que estava a olhar para a rapariga.

— Estava. Mas só porque ela me fez lembrar Anna — Anna Schmidt.

— Quem é ela? Não é uma rapariga? — Oh, sim, de certo modo.

— Que quer dizer "de certo modo?" — Foi a rapariga de Harry.

— E está a tentar suceder-lhe? — Ela não é desse tipo, Calloway. Não a viu no cemitério? Não, não quero mais sarilhos. Fiquei com uma ressaca para o resto da vida.

— Estava a falar-me de Kurtz — disse eu.

Parece que Kurtz estivera sentado ali, a ler ostensivamente O Cavaleiro Solitário de Santa Fé. Quando Martin se sentara à sua

mesa, ele dissera com um entusiasmo indescritivelmente falso: — É maravilhosa a maneira como mantém o suspense.

— Suspense?

— Suspense, sim. Você é mestre. No fim de cada capítulo ficamos adivinhando...

— Com que então, era amigo de Harry — disse Martin.

— Acho que o melhor amigo — acrescentou com uma pequena pausa, em que o seu cérebro deve ter registrado o erro —, exceto você, claro.

— Conte-me como ele morreu.

— Eu estava com ele. Saímos juntos do seu apartamento e Harry viu um amigo do outro lado da rua — um americano chamado Cooler. Acenou para Cooler e começou a atravessar a rua, quando apareceu um jipe e o atropelou. De fato, a culpa foi do Harry, e não do condutor.

— Alguém me disse que ele morreu instantaneamente.

— Antes tivesse sido. De qualquer modo, morreu antes que a ambulância lá tivesse chegado.

— Então falou?

— Sim. Mesmo a morrer se preocupou consigo.

— Que disse?

— Não me lembro das palavras exatas, Rollo; posso chamá-lo Rollo? Ele chamava-o sempre assim. Quis que eu me ocupasse de si quando chegasse. Que arranjasse o bilhete de volta. Ao contar-me isto, Martin disse: — Está a ver, eu juntava bilhetes de regresso, assim como dinheiro.

— Mas porque não telegrafou para eu não vir? — Fizemo-lo, mas o telegrama deve ter-se atrasado. Com a censura e as zonas, os telegramas podem demorar cinco dias.

— Houve um inquérito? — Claro.

— Sabe que a Polícia pensa estupidamente que Harry estava metido num negócio sujo? — Não. Mas toda a gente em Viena o está. Todos vendemos cigarros e trocamos xelins pelo dinheiro de cá. Não encontra um único membro da Comissão de Controlo que não tenha quebrado as regras.

— A Polícia pensa em algo pior do que isso.

— Às vezes, eles têm ideias absurdas — disse cautelosamente o homem da peruca.

— Vou ficar cá até provar que eles estão errados.

Kurt voltou a cabeça sobressaltado, e a peruca agitou-se.

— De que serve? Ninguém pode restituir a vida ao Harry — disse.

— Vou fazer que aquele oficial de Polícia seja expulso de Viena.

— Não vejo como.

— Vou começar a investigar a partir do momento em que ele morreu. Você estava lá, bem como esse homem, o Cooler, e também o motorista. Pode dar-me as moradas deles.

— Não sei a do motorista.— Arranjo-a nos arquivos do coronel. E depois há a rapariga de Harry.

Kurtz disse: — Será doloroso para ela.

— Não estou preocupado com ela. Estou preocupado com Harry.

— Sabe de que é que a Polícia suspeita? — Não, perdi a cabeça cedo demais.

— Já Lhe ocorreu — perguntou Kurtz amavelmente — que pode ir desenterrar algo pouco honroso para Harry? — Arriscar-me-ei.

— Levará um certo tempo... e dinheiro.

— Tempo tenho eu e você vai emprestar-me algum dinheiro, não vai? — Não sou rico — disse Kurtz. — Prometi a Harry verificar que você estava bem e que apanhava o avião de volta...

— Não se preocupe com o dinheiro... ou com o avião — disse Martin. — Mas faça uma aposta consigo em libras esterlinas, cinco libras contra duzentos xelins, em como há qualquer coisa estranha em relação à morte de Harry.

Foi um tiro no escuro, mas ele já tinha o instinto de que havia algo de errado, embora não tivesse associado a palavra assassinato ao instinto. Kurtz levava a xícara de café aos lábios e Martin observou-o. Aparentemente, o tiro não surtira efeito; uma mão segura continuou a levar a xícara à boca e Kurtz bebeu, ruidosamente, em grandes goladas. Depois, pousou a xícara e

disse: — Como? Estranha? — Para a Polícia era conveniente ter um corpo, mas não seria igualmente conveniente para os verdadeiros traficantes? Ditas estas palavras, deu-se conta de que, afinal, Kurtz não ficara impassível — talvez a prudência e a calma o tivessem petrificado. As mãos do culpado não tremem necessariamente, só nas histórias é que o criminoso trai as suas emoções ao deixar cair um copo. A tensão traduz-se por vezes num gesto friamente calculado. Kurtz bebeu o café como se nada se tivesse passado.

— Bem — disse depois de sorver o último gole —, claro que lhe desejo sorte, embora não acredite que haja qualquer coisa para descobrir. Se precisar de ajuda, diga.

— Quero a morada de Cooler.

— Claro. Escrevo-lha aqui. Cá está. Fica na zona americana.

— E a sua.

— Já a escrevi por baixo. Infelizmente, estou na zona russa, por isso não me visite muito tarde.

Esboçou um dos seus estudados sorrisos vienenses, com o encanto cuidadosamente pintado nas linhas da boca e dos olhos.

— Vá dizendo alguma coisa, e, se precisar de ajuda... mas, mesmo assim, penso que está a ser insensato. Pegou no Cavaleiro Solitário.

— Tive muito prazer em conhecê-lo. Um mestre do suspense.  
— E, enquanto com uma mão afagava a peruca, com a outra apagava o sorriso dos lábios.

## Capítulo V

Martin estava sentado numa cadeira junto aos bastidores do Teatro Josefstadt. Mandara o seu cartão a Anna Schmidt depois do espetáculo, com as palavras "um amigo de Harry".

Uma fiada de pequenas janelas com cortinas de renda, cujas luzes se apagavam uma após outra, mostrava que os artistas se preparavam para sair e tomar o seu café sem açúcar e o pãozinho sem manteiga, retomando forças para o espetáculo da noite. Era como uma pequena rua construída no interior de um estúdio para servir de cenário a um filme, mas lá dentro estava frio, mesmo para um homem com um sobretudo pesado, pelo que Martin se levantou e caminhou para cima e para baixo ao longo das pequenas janelas. Sentia-se, segundo me disse, como um Romeu que não sabia onde ficava a varanda de Julieta.

Tivera tempo para pensar: sentia-se agora calmo. Martin vencera Rollo. Quando a luz se extinguiu numa das janelas e uma atriz desceu para a passagem onde ele estava, não se virou para dar uma vista de olhos. Estava farto daquilo tudo.

"Kurtz é que tem razão", pensou ele. "Vou dar uma palavrinha a Anna Schmidt, uma palavra de pesar, e depois vou-me embora." Quase se esquecera, contou-me, da complicação com Mr. Crabbin.

Uma voz por cima da sua cabeça chamou: — Mr. Martin.

E ele olhou para aquele rosto que o observava por entre as cortinas uns metros acima da sua cabeça. Não era um rosto belo, explicou-me ele firmemente, quando o acusei de mais uma vez se estar a envolver. Era unicamente um rosto honesto; cabelos negros e olhos que àquela luz pareciam castanhos; uma testa larga e uma boca grande que não tentava cativar. Não havia perigo, pensava Rollo Martin, de ser assaltado por um daqueles momentos de loucura em que o cheiro do cabelo ou o contato de uma mão alteram o curso da vida.

— Quer subir, por favor? A segunda porta à direita — disse ela.

Há pessoas, explicou-me ele calmamente, que reconhecemos instantaneamente como amigas. Podemos estar à vontade com elas porque sabemos que nunca, nunca estaremos em perigo.

— Assim era a Anna, — disse ele, e eu fiquei sem saber se o tempo passado fora deliberado ou não.

Ao contrário dos camarins da maioria das atrizes, este estava quase vazio; não havia armário atulhado de roupas, nem tubos de creme ou cosméticos; um roupão na porta, uma camisola, que ele reconheceu como tendo sido usada no 2º ato, em cima da única cadeira, uma lata meia de tinta. Uma chaleira silvava sobre um bico de gás.

— Quer uma xícara de chá? — perguntou ela. — Mandaram-me um pacote na semana passada; é o que os americanos fazem, às vezes, na primeira noite, em vez de mandarem flores.

— Aceito uma xícara — disse ele; mas, se havia coisas que detestasse, o chá era uma delas.

Observou-a enquanto ela o fazia, mal, claro: a água não estava a ferver, o bule não fora aquecido, deitara poucas folhas.

— Nunca percebi por que é que os ingleses gostam de chá.

Ele bebeu rapidamente o seu, como se fosse um remédio, e ficou a vê-la beber em pequenos e delicados goles. — Queria muito falar consigo. É sobre o Harry — disse ele.

Foi um momento terrível. Os lábios dela ficaram crispados.

— Sim? — Conhecia-o há vinte anos. Era amigo dele.

Andamos juntos na escola, sabe, e depois não houve muitos meses em que não nos encontrássemos...

— Quando recebi o seu cartão, não consegui dizer não. Mas de fato não temos nada a dizer, não? Nada... — disse ela.

— Eu queria ouvir...

— Ele morreu. Isso é o fim. Tudo acabou. De que vale falar nisso? — Ambos o amávamos.

— Eu não sei. Você não pode saber uma coisa dessas... depois. Não sei mais nada, exceto que...

— Exceto que?...

— Que também quero morrer.

— Aí, quase me vim embora — contou-me Martin. — De que valia estar ali a atormentá-la devido às minhas ideias loucas? Mas, em vez disso, fiz-lhe uma pergunta: — Conhece um homem chamado Cooler? — Um americano? — perguntou ela. — Acho que foi o homem que me trouxe dinheiro quando o Harry morreu. Eu não queria aceitar, mas ele disse que o Harry se mostrara ansioso, mesmo nos últimos momentos.

— Então ele não morreu instantaneamente? — Oh, não.

— Comecei a pensar por que teria aquela ideia tão fixa na minha cabeça e depois pensei que só o homem no apartamento me tinha dito isso, mais ninguém — contou-me Martin. E disse para ela: — Ele deve ter estado lúcido até ao fim porque também se lembrou de mim. Isso parece mostrar que não teve muitas dores.

— É o que passo a vida a dizer a mim mesma.

— Viu o médico? — Uma vez. Harry me mandou. Era o próprio médico de Harry. Vivia perto dele, sabe.

De súbito, na estranha câmara do nosso espírito, onde nascem tais ideias sem razão nem preparação, Martin viu surgir, no meio de um local deserto, um corpo no chão, um cadáver rodeado de pássaros. Talvez fosse uma cena de um dos seus livros ainda não escrito a formar-se no limiar da consciência.

Desvaneceu-se, porém, e ele pensou como era estranho que todos ali estivessem naquele momento, todos amigos de Harry — Kurtz, o médico, aquele homem chamado Cooler; só as duas pessoas que o amavam pareciam estar ausentes.

— E o condutor? Ouviu o depoimento dele? — perguntou.

— Estava perturbado, assustado. Mas o testemunho de Cooler ilibou-o. Não, a culpa não foi dele, pobre homem. Muitas vezes ouvi dizer a Harry que ele era um condutor muito cuidadoso.

— Então também ele conhecia o Harry? Mais um pássaro veio juntar-se aos outros, rodeando o vulto silencioso que jazia na areia, de rosto baixo. Sabia agora que era o Harry, pelas roupas, pela pose, que era a de um rapaz a dormir deitado na relva numa tarde quente.

Alguém chamou do lado de fora da janela: — Fraulein Schmidt.

— Não gostam que cá fiquemos durante muito tempo. Estamos a gastar a eletricidade deles — explicou ela.

Ele desistira da ideia de a poupar.

Disse-lhe: — A Polícia disse que iam prender o Harry. Acusam-no de ser traficante.

Ela recebeu a notícia do mesmo modo que Kurtz.

— Todos traficamos.

— Não acredito que ele estivesse metido em algo grave.

— Não.

— Mas pode ter caído nalguma armadilha. Conhece um homem chamado Kurtz? — Acho que não.

— Usa um chinó.

— Oh! Apercebeu-se de que marcara um ponto. Perguntou-lhe: — Não acha estranho que todos lá tenham estado... no momento da morte? Todos conheciam Harry. Até o motorista, o médico...

Ela respondeu com uma calma impressionante: — Também achei estranho, embora não soubesse que Kurtz lá esteve.

Perguntei-me se não o teriam assassinado, mas de que vale perguntar? — Vou apanhar esses sacanas — disse Rollo Martin.

— Não serve de nada. Talvez a Polícia tenha razão. Talvez o pobre Harry se tenha metido...

— Fraulein Schmidt! — chamou de novo uma voz.

— Tenho de ir.

— Acompanho-a um bocado.

Estava quase completamente escuro; a neve tinha deixado de cair e as grandes estátuas do Ring, os cavalos, os carros e as águias pareciam, à luz do crepúsculo, feitos de chumbo cinzento.— É melhor desistir e esquecer — disse Anna.

— Dá-me o endereço do médico? Detiveram-se, abrigados contra uma parede, enquanto Anna escrevia a morada. — Dê-me o seu também.

— Para quê? — Poderei ter notícias para si.

— As notícias agora já não me interessam.

Ele ficou a vê-la dirigir-se para o elétrico, caminhando de cabeça baixa para se proteger do vento, um pequeno e sombrio ponto de interrogação na neve.

## Capítulo VI

A vantagem do polícia amador em relação aos outros é que não está sujeito a um horário de trabalho. Rollo Martin não estava limitado ao dia de oito horas; as suas investigações não tinham de ser interrompidas pelas refeições. Num só dia fez mais ele sozinho do que um dos meus homens teria feito em dois, e tinha à partida uma vantagem sobre nós: era amigo de Harry. Trabalhava no interior, enquanto nós tínhamos de nos limitar à periferia.

O doutor Winkler estava em casa. Se se tratasse de um agente da Polícia, talvez não estivesse em casa. Martin voltara a escrever no seu cartão a frase "Abre-te, Sésamo": "Um amigo de Harry".

A sala de espera do doutor Winkler fazia lembrar uma loja de antiguidades — uma loja antiga especializada em objetos de arte religiosos. Era impossível contar os crucifixos e o mais recente deles devia datar do século xvii. Havia estátuas de madeira e mármore. Havia também alguns relicários: pequenos pedaços de osso marcados com nomes de santos, colocados em molduras ovais num fundo de papel prateado. Se fossem genuínos, pensou Martin, que destino estranho aquele de um pedaço de osso de Santa Susana repousar agora na sala de espera do doutor Winkler. Até as horríveis cadeiras de costas altas pareciam ter pertencido a cardeais. A sala estava abafada, dir-se-ia que rescendia a incenso. Num pequeno cofre de ouro via-se um pedaço da Cruz. Martin foi despertado por um espirro. O doutor Winkler era o médico mais asseado que Martin já vira. Era baixo e vestia fraque preto de colarinho alto e engomado; o seu pequeno bigode preto parecia um laço de soirée. Voltou a espirrar; talvez tivesse frio por andar tão asseado.— Mr. Martin? — perguntou.

Martin teve um desejo irresistível de sujar o doutor Winkler.

— Doutor Winkler? — disse.

— Doutor Winkler.

— Tem aqui uma interessante coleção.

— Sim.

— Estes ossos de santos.

— Ossos de galinhas e coelhos.

O doutor Winkler tirou um lenço branco da manga, parecendo um prestidigitador que faz aparecer a bandeira do seu país, e assoou-se meticulosamente por duas vezes, fechando uma narina de cada vez. Martin espera vê-lo deitar o lenço fora depois de se assoar.

— Mr. Martin, importa-se de me dizer o que o traz por cá? Tenho um doente à espera.

— Fomos ambos amigos de Harry Lime.

— Eu era o seu conselheiro médico — corrigiu o doutor Winkler, enquanto esperava obstinadamente entre os crucifixos.

— Cheguei tarde demais para o inquérito. Harry convidara-me a vir cá para o ajudar em qualquer coisa, não sei o quê. Só soube da sua morte quando cá cheguei.

— Muito triste — disse o doutor Winkler.

— Claro que, nestas circunstâncias, quero saber o mais possível.

— Não lhe posso dizer nada que não saiba já. Ele foi atropelado por um carro. Estava morto quando lá cheguei. — Esteve consciente durante algum tempo? — Parece que teve um pequeno período de consciência enquanto o levavam para dentro de casa.

— Sofreu muito? — Não, necessariamente.

— Tem a certeza de que foi um acidente? O doutor Winkler estendeu a mão e endireitou um crucifixo.

— Eu não estava lá. A minha opinião limita-se à causa da morte. Tem algum motivo de desconfiança? O amador tem outra vantagem sobre o profissional: pode ser imprudente. Pode dizer verdades desnecessárias e apresentar teorias loucas.

— A Polícia diz que Harry estava metido num negócio sujo.

Parece-me possível ele ter sido assassinado, ou ter-se mesmo suicidado — disse Martin.

— Não tenho competência para me pronunciar — disse o doutor Winkler.

— Conhece um homem chamado Cooler? — Acho que não.

— Estava lá quando Harry foi morto.

— Então com certeza que o vi. Usa chinó? — Não, esse é Kurtz.

O doutor Winkler não só seria o médico mais asseado que Martin conhecera como também o mais cauteloso. As suas declarações eram tão limitadas que não se podia duvidar da sua veracidade.— Estava lá um outro homem — disse.

Se tivesse de diagnosticar um caso de escarlatina, de certeza que ele se limitaria a declarar que havia uma erupção visível e que a febre era de tantos graus. Nunca cometeria um erro num inquérito.

— Há muito tempo que era o médico de Harry? Parecia estranho Harry ter escolhido um homem daqueles. Harry gostava de homens imprudentes, homens capazes de cometerem erros.

— Há cerca de um ano.

— Bem, foi simpático da sua parte ter-me recebido. — O doutor Winkler esboçou uma vênua, e, quando se inclinava para a frente, ouviu-se um pequeno estalo, como se a camisa fosse feita de celuloide.

— Não quero roubar-lhe mais tempo.

Quando se afastava, Martin deu com outro crucifixo, cuja imagem tinha um rosto de sofrimento, à maneira de El Greco, e os braços cruzados atrás da nuca.

— É um crucifixo estranho — disse.

— É jansenista — comentou o doutor Winkler, que logo fechou a boca precipitadamente, como se se sentisse culpado de uma indiscrição.

— Nunca ouvi essa palavra. Porque tem os braços acima da cabeça? — Porque, na opinião dos jansenistas, ele morreu só pelos eleitos — explicou o doutor Winkler contrafeito.

## Capítulo VII

A julgar pelos meus arquivos, pelos apontamentos tomados, pelas declarações de várias pessoas, teria sido possível a Rollo Martin, nessa altura, sair de Viena em segurança. Ele mostrara uma curiosidade excessiva, mas os seus movimentos tinham sido controlados. Ninguém se traíra. A muralha da dissimulação não mostrara ainda falha alguma. Quando Rollo Martin saiu da casa do doutor Winkler, não corria ainda qualquer perigo. Poderia ter ido para a cama e ter dormido em paz. Nesta altura, poderia até ter visitado Cooler sem qualquer problema. Infelizmente para ele — e haveria sempre períodos na sua vida em que o lamentaria —, resolveu voltar ao apartamento de Harry.

Queria falar com o homenzinho mal disposto que dissera ter visto o acidente — ou não teria ele dito isso exatamente? Enquanto seguia por aquela rua escura e fria, por um momento sentiu-se inclinado a ir diretamente encontrar Cooler, para completar o quadro daquelas aves sinistras que se sentavam à volta do corpo de Harry, mas Rollo Martin resolveu atirar uma moeda ao ar e a sorte decidiu pela visita ao apartamento e a morte de dois homens.

Talvez o homenzinho — que atendia pelo nome de Koch — tivesse bebido um copo a mais, talvez tivesse passado um bom dia no escritório, mas desta vez, quando Rollo Martin tocou a campainha, mostrou-se amigável e disposto a falar. Acabara de jantar e trazia ainda restos no bigode.

— Ah, lembro-me de você. É amigo de Harry Lime.

Recebeu Martin com grande cordialidade e apresentou-o à avantajada mulher, a quem obviamente trazia debaixo de apertado controle.

— Ah, nos velhos tempos, ter-lhe-ia oferecido um café, mas agora...

Martin fez circular a sua cigarreira e a atmosfera de cordialidade acentuou-se.

— Quando cá veio ontem, eu fui um tanto abrupto — disse Herr Koch —, mas estava com uma enxaqueca e a minha mulher tinha saído; por isso tive de ser eu a abrir a porta.

— Disse-me de fato que tinha presenciado o acidente?

Herr Koch trocou olhares com a mulher.

— O inquérito acabou, Ilse. Não faz mal. Pode confiar em mim. O cavalheiro é amigo. Sim, presenciei o acidente, mas o senhor é o único que sabe disso. Melhor será dizer que ouvi o acidente. Ouvei o som dos pneus e da pancada e quando cheguei à janela estavam transportando o corpo para casa.

— Mas não prestou declarações?

— É sempre melhor não nos metermos nessas coisas. Lá no escritório não podem me dispensar. Temos falta de pessoal e na verdade eu não vi propriamente...

— Mas ontem contou como aconteceu.

— Foi como veio descrito nos jornais.

— Ele sentiu muitas dores?

— Estava morto. Olhei pela minha janela e vi o rosto dele. Sei quando um homem está morto. Sabe, de certo modo, é o meu modo de vida. Sou o chefe de escritório do necrotério.

— Mas os outros dizem que ele não morreu logo.

— Talvez não conheçam a morte tão bem como eu. Claro que ele estava morto quando o médico chegou. Ele próprio me disse. Morreu instantaneamente. Pode confiar na minha palavra.

— Acho, Herr Koch, que o senhor deveria ter prestado declarações.

— A gente tem de tratar da nossa vida, Herr Martin. Não sou o único que deveria ter estado lá.

— Que quer dizer?

— Três pessoas ajudaram a levar seu amigo para casa.

— Eu sei... Dois homens e o condutor.

— O condutor ficou onde estava. Ficou muito abalado, pobre homem...

— Três homens... — Era como se, de repente, tateando uma parede vazia, os seus dedos tivessem encontrado não uma fenda,

mas pelo menos um pequeno defeito que não fora corrigido pelos construtores: — Consegue descrever o homem?

Mas Herr Koch não estava treinado para observar os vivos; só o homem da peruca tinha atraído a sua atenção — os outros dois eram homens vulgares, nem altos nem baixos, nem gordos nem magros. Vira-os de cima, curvados, inclinados sobre seu fardo, desviara rapidamente a vista e fechara a janela, apercebendo-se logo da sensatez de não se mostrar.

— Não havia qualquer testemunho que eu pudesse prestar, Herr Martin.

Não havia provas, pensou Martin. Já não duvidava de que o assassinato fora cometido. Senão, porque teriam mentido sobre o momento da morte? Queriam acalmá-lo com as suas ofertas de dinheiro e o bilhete de avião os dois únicos amigos que Harry tinha em Viena. E o terceiro homem? Quem era? — Viu Herr Lime sair? — perguntou.

— Não. — Ouviu um grito? — Só os travões, Herr Martin.

Ocorreu a Martin que não havia nada, exceto a palavra de Kurtz e Cooler e do condutor, que provasse que Harry fora de fato morto naquele preciso momento. Havia o testemunho médico, mas esse só provava que ele tinha morrido, digamos, no espaço de meia hora, e, de qualquer modo, neste caso só contava a palavra do doutor Winkler, aquele homem impecável e controlado que passeava por entre os crucifixos.

— Herr Martin, ocorreu-me agora... vai ficar em Viena? — Sim.

— Se precisar de acomodações e falar rapidamente com as autoridades, talvez consiga o apartamento de Harry. É uma propriedade requisitada.

— Quem tem as chaves? — Eu.

— Posso ver o apartamento? — Ilse, as chaves.

Herr Koch foi à frente para indicar o caminho para a casa que fora de Harry. No pequeno vestíbulo escuro havia ainda o cheiro do fumo do cigarro, os cigarros turcos que Harry fumava. Parecia estranho que o cheiro de um homem permanecesse entranhado nas cortinas depois de esse mesmo homem se ter já transformado em

matéria inerte, gás, pó. Uma lâmpada, envolta por um abajur, deixava-os na semiobscuridade, fazendo-os procurar às apalpadelas a maçaneta das portas.

A sala estava completamente vazia, pareceu a Martin vazia demais. As cadeiras tinham sido encostadas às paredes; a secretária onde Harry devia escrever estava limpa de pó e papéis. O soalho refletia a luz como um espelho. Herr Koch abriu uma porta e mostrou o quarto. A cama estava feita de lavado. No quarto de banho, nem uma lâmina de barbear usada indicava que alguns dias antes um homem vivo o ocupara. Só o vestíbulo escuro e o cheiro dos cigarros davam a impressão de que a casa estava habitada.

— Como vê — disse Herr Koch —, está pronta para receber alguém. Ilse limpou-a.

Isso era incontestável. Depois de uma morte deveria haver ali um pouco mais de desordem. É impossível que um homem parta subitamente para a última viagem sem deixar uma conta por pagar, uma carta por responder ou uma fotografia de mulher.

— Não havia papéis, Herr Koch? — Herr Lime sempre foi um homem muito organizado. O cesto dos papéis estava cheio e a pasta também; mas o amigo dele levou tudo.

— O amigo? — O cavalheiro da peruca.

Era possível, claro, que Lime não tivesse partido para a tal viagem assim tão inesperadamente, e ocorreu a Martin que Lime talvez tivesse pensado que ele chegaria a tempo de o ajudar.

— Penso que o meu amigo foi assassinado — disse para Herr Koch.

— Assassinado? — A cordialidade de Herr Koch desapareceu com esta palavra. — Se soubesse que pensava em tal disparate, não o teria convidado a entrar — disse.

— Por que será disparate? — Nesta zona não há assassinatos.

— Mesmo assim, o seu testemunho pode ser importante.

— Não há testemunho. Não vi nada. Não é nada comigo.

Agora saia, por favor. Foi muito indelicado.

Conduziu Martin através do vestíbulo, já o cheiro do cigarro se desvanecera um pouco mais. As últimas palavras de Herr Koch

antes de bater com a porta de sua casa foram: — Não tenho nada com isso.

Pobre Herr Koch! Não somos nós que escolhemos os acontecimentos! Mais tarde, quando interrogara Martin, disse-lhe: — Viu alguém na rua ou nas escadas quando saiu? — Ninguém.

Ele tinha todas as vantagens em se lembrar de alguém que fosse a passar e eu acreditei.

— Reparei em como a rua estava calma — disse. — Sabe, parte dela fora bombardeada e a lua brilhava sobre a neve. Estava tudo tão sossegado que eu ouvia os meus pés pisarem a neve.

— Claro, isso não prova nada. Há uma cave onde alguém que o tivesse seguido se poderia ter escondido.

— Sim.

— Ou a sua história pode ser toda forjada.

— Sim.

— O problema é que não vejo motivo nenhum para você o ter feito. É verdade que já é culpado de arranjar dinheiro sob falsos pretextos. Veio até cá para se reunir a Lime, talvez para o ajudar...

— Que sinistro negócio é esse de que está sempre a falar? — perguntou-me Martin.

— Ter-lhe-ia contado os fatos da primeira vez que o vi, se você não tivesse perdido a cabeça tão depressa. Agora não acho que seja sensato contar-lhe. Seria revelar informações oficiais, e os seus contatos, sabe, não inspiram confiança.

Uma rapariga com papéis falsos fornecidos por Lime, esse Kurtz...

— O doutor Winkler... — Não tenho nada contra o doutor Winkler. Não, se você é cúmplice deles, não precisa de informações, mas talvez o ajude saber o que nós sabemos. É que as nossas investigações não estão completas.

— Aposto que não. Facilmente arranjará um detetive melhor que vocês.

— O seu estilo literário não fez honra ao seu homônimo.

Sempre que lhe lembravam o pobre senhor Crabbin, representante da Sociedade Britânica de Relações Culturais, Rollo

Martin corava de enfado, embaraço e vergonha. Isso também me levava a confiar nele.

Claro que Martin fizera Crabbin passar horas muito desagradáveis. Ao voltar para o Hotel Sacher depois do seu encontro com Herr Koch, encontrou uma mensagem desesperada: Tentei localizá-lo durante todo o dia [escrevera Crabbin]. É muito importante que nos encontremos a fim de programar a sua atuação. Esta manhã, pelo telefone, combinei conferências em Insbruck e Salisburg a realizar na próxima semana, mas é necessário que o senhor aprove os temas para podermos mandar imprimir os programas. Eu sugeria dois temas: A crise da Fé no mundo ocidental (o senhor aqui é muito respeitado como escritor cristão, mas esta conferência não deverá ter caráter político e o senhor não deverá fazer referências à Rússia ou ao comunismo) e A técnica do romance contemporâneo. As mesmas conferências seriam também feitas em Viena. À parte isto, há muita gente que gostaria de o conhecer e eu quero organizar um coquetel para a semana. Mas para isso preciso de falar consigo. A carta acabava com uma nota de ansiedade: Comparecerá à nossa reunião amanhã à noite, não é verdade? Contamos consigo às 8 e 30, e, escusado será dizer, estamos ansiosos pela sua presença. Mandarei buscá-lo ao hotel às 8 e 15 em ponto. Rollo Martin leu a carta, e, sem se preocupar mais com Mr.

Crabbin, foi para a cama.

## Capítulo VIII

Depois de dois copos, o espírito de Rollo Martin virava-se sempre para as mulheres, de modo sentimental, vago, romântico, tal como com o sexo em geral.

Depois de três bebidas, tal como um piloto que mergulha para encontrar a direção, começava a concentrar a atenção numa rapariga disponível. Se Cooler não lhe tivesse oferecido uma terceira bebida, talvez não se tivesse apressado em ir para a casa de Anna Schmidt, e se... mas há demasiados ses na minha maneira de escrever, porque a minha profissão é calcular as possibilidades e o fio do destino nunca encontra lugar nos meus arquivos.

Martin passara a sua hora de almoço a ler o relatório do inquérito, demonstrando de novo a superioridade do amador em relação ao profissional e tornando-se mais vulnerável em relação às bebidas de Cooler (que o profissional teria recusado por dever de ofício). Eram quase cinco horas quando chegou ao apartamento de Cooler, que ficava por cima de uma sorveteria na zona americana; o bar, em baixo, estava cheio de G. I., com as suas pequenas, e o tilintar das colheres compridas, assim como as gargalhadas, acompanharam Martin pela escada acima.

O inglês, que se opõe aos americanos em geral, abre habitualmente uma exceção para os indivíduos como Cooler: um homem de cabelo curto e grisalho, rosto inquieto e olhos insatisfeitos. O tipo do filantropo que desembarca no meio de uma epidemia de tifo, ou numa guerra mundial, ou numa crise de fome na China, muito antes de os seus compatriotas terem descoberto esse local no mapa. De novo o cartão com a anotação "um amigo de Harry" funcionou como bilhete de entrada. Cooler estava de uniforme, mas não usava qualquer galão, embora a empregada se tivesse referido a ele como o coronel Cooler.

O seu aperto de mão franco foi o gesto mais cordial de boas-vindas que Martin recebera até então em Viena.

— Um amigo de Harry é também meu amigo — disse Cooler.  
— Já ouvi falar de si, claro.

— Pelo Harry? — Sou um admirador de westerns — disse Cooler; e Martin, que não acreditara em Kurtz, acreditou neste.

— Gostaria de falar consigo... esteve lá, não esteve? Gostava que me falasse sobre a morte de Harry.

— Foi uma coisa terrível — disse Cooler. — Eu ia a atravessar a rua para ir ter com o Harry. Ele e Mr. Kurtz estavam do outro lado do passeio. Talvez se eu não tivesse atravessado a rua ele tivesse ficado onde estava. Mas viu-me e veio direito a mim, e aquele jipe... Foi horrível, horrível! O condutor travou, mas não valeu de nada. Tome um scotch, Mr.

Martin. É estúpido, mas fico sempre abalado quando penso nisto. Apesar deste uniforme, nunca tinha visto um homem ser morto — disse, enquanto deitava soda.

— O outro homem estava no carro? Cooler tomou um largo gole e mediu o que restava com os olhos simpáticos e cansados: — A que homem se refere, Mr. Martin? — Disseram-me que havia lá outro homem.

— Não percebo como tem essa ideia. Encontra tudo nos relatórios do inquérito. — Deitou mais duas bebidas bem servidas. — Só lá estávamos os três — eu, Mr. Kurtz e o condutor. O médico, claro. Suponho que estará a falar do médico.

— Esse homem com quem eu falei viu tudo de uma janela; ele vive no apartamento ao lado do de Harry e disse que havia três homens e o condutor. E isso antes de o médico chegar.

— Não foi a tribunal dizer isso.

— Não se quis envolver.

— Estes europeus nunca aprenderão a ser bons cidadãos. Era o seu dever — refletiu Cooler, a olhar para o copo. — É estranho, Mr. Martin, o que se passa com os acidentes. Nunca há dois relatos coincidentes. Até Mr. Kurtz e eu discordamos de alguns pormenores. As coisas acontecem tão de repente que nem reparamos nos pormenores. E de repente, bumba! E aí temos de reconstituir, lembrar. Suponho que ele se viu aflito para destringar as coisas e nos distinguir aos quatro.

— Quatro? — Estava a contar o Harry Que mais viu ele, Mr. Martin? — Nada de interesse, exceto que Harry já estava morto quando foi transportado para casa.

— Bem, estava a morrer, aí não há grande diferença. Toma outra bebida, Mr. Martin? — Não, obrigado.

— Bem, eu vou tomar mais um copo. Gostava muito do seu amigo, Mr. Martin, e não me agrada falar nisto.

— Talvez tome mais uma, para lhe fazer companhia. Conhece Anna Schmidt? — perguntou Martin, enquanto o uísque lhe escorregava pela garganta.

— A pequena de Harry? Encontrei-a uma vez. De fato, ajudei Harry a arranjar-lhe papéis. Não devia estar a confessar isto a um estranho, mas às vezes é preciso violar as regras. O humanismo é também um dever.

— Que mal havia?

— Ela era húngara e o pai, nazista, segundo diziam. Ela tinha medo que os russos a prendessem.

— Por que faziam isso?

— Nunca se sabe por que fazem essas coisas. Talvez só para mostrar que não é saudável relacionar-se com um inglês.

— Mas ela vive na zona britânica.

— Isso não os deteria. São só cinco minutos de jipe da Commandatura. As ruas não estão bem iluminadas e não há por aí muitas polícias.

— Levou-lhe dinheiro da parte de Harry, não foi?

— Sim, mas não vale a pena falar disso. Foi ela que lhe contou?

O telefone tocou e Cooler esvaziou o copo.

— Estou — disse. — Sim, é o coronel Cooler.

Depois sentou-se com o fone no ouvido e uma expressão de paciência melancólica, enquanto uma voz distinta chegava até à sala.

— Sim — disse ele a certa altura. — Sim.

O seu olhar pousou sobre Martin com uma expressão de quem fixa algo muito para além do que vê, olhos cansados e bondosos de quem olha melancolicamente para o mar.

— Fez muito bem — disse em tom de felicitação; e depois, em voz mais áspera: — Claro que serão entregues. Dei a minha palavra. Adeus.

Pousou o auscultador e passou a mão pela testa. Era como se tentasse lembrar-se de alguma coisa que tinha a fazer.

— Ouviu alguma coisa desse negócio sujo de que a Polícia fala? — perguntou Martin.

— Desculpe. O quê?

— Dizem que Harry estava metido num negócio sujo.

— Oh, não — respondeu Cooler. — Isso é impossível. Ele tinha um grande sentido do dever.

— Parece que Kurtz pensa que é possível.

— Kurtz não entende os sentimentos de um anglo-saxão — respondeu Cooler.

## Capítulo IX

Era quase noite quando Martin começou a andar ao longo das margens do canal: através da água viam-se as ruínas dos Banhos de Diana e, à distância, o grande círculo negro da Roda Prater, acima das casas em ruínas. Ao fundo, do outro lado da água cinzenta, ficava o Segundo Bezirk, em território russo. A Igreja de São Cristóvão projetava para o céu a sua enorme flecha acima da Cidade Interior. Quando subia pela Kärtnerstrasse, Martin passou em frente da porta iluminada do posto da Polícia Militar. Os quatro homens da patrulha internacional subiam para o jipe. O russo membro da polícia militar sentou-se ao lado do condutor (pois os russos haviam nesse dia assumido o comando durante as quatro semanas seguintes) e o inglês, o francês e o americano tomaram lugar atrás. Os vapores do terceiro uísque envolviam o cérebro de Martin e ele lembrou-se da rapariga em Amsterdam, da rapariga em Paris; a solidão acompanhava-o ao longo do passeio.

Virou a esquina da rua onde ficava o Sacher e continuou. Era Rollo quem controlava a situação, e ele foi ter com a única rapariga que conhecia em Viena. Perguntei-lhe como sabia a morada dela. "Oh", disse ele, vira a direção que ela lhe dera na noite anterior, deitado na cama a olhar para o mapa. Queria orientar-se, e era bom com mapas. Memorizava facilmente os nomes das ruas porque para tratar de um certo assunto andava sempre a pé.

— A pé?

— Quero dizer, quando vou visitar uma mulher... ou alguém. Claro que ele não sabia se ela estaria em casa, nem que a peça em que entrava não seria exibida nessa noite em Josefstadt, ou talvez também tivesse fixado isso a partir dos cartazes que vira. Fosse como fosse, ela estava em casa, se isso pode dizer-se de uma mulher, sentada sozinha num quarto sem aquecimento, numa cama disfarçada de divã, com um manuscrito datilografado aberto na

primeira página, colocado em cima de uma mesa oscilante cheia de adornos, enquanto os seus pensamentos estavam bem longe dali.

Disse desajeitadamente (e ninguém, nem ele próprio, saberia dizer até que ponto esta falta de jeito fazia parte da sua técnica):

— Passei por aqui e resolvi cumprimentá-la...

— Passou por aqui? Para ir aonde? Levava uma boa meia hora a ir da Cidade Interior para a zona inglesa, mas tinha a resposta pronta.

— Bebi uísque a mais com o coronel Cooler. Achei melhor dar uma volta e vim parar aqui.

— Não posso oferecer-lhe uma bebida aqui. Exceto chá. Ainda tenho um resto.

— Não, obrigado — disse ele. — Está ocupada — continuou, olhando para as folhas datilografadas.

— Não passei da primeira linha.

Ele agarrou na folha e leu: Entra Louise em cena

*LOUISE — Ouço uma criança chorar.*

— Posso ficar um poquinho? — perguntou com uma gentileza mais própria de Martin do que de Rollo.

— Claro.

Deixou-se cair sobre o divã, e passado bastante tempo contou-me (os amantes quando encontram um ou vinte reconstituem o mais ínfimo pormenor) que foi nessa altura que olhou bem para ela. Estava ali tão pouco à vontade como ele, com umas calças velhas de flanela, remendadas, as pernas firmemente apoiadas no chão, como se estivesse decidida a resistir a um adversário; era uma figura um tanto atarracada e toda a graça que tinha reservava-a para uso profissional.

— Não está nos seus melhores dias, não? — perguntou.

— A esta hora é quase sempre mau — explicou ela. — Ele costumava passar aqui e, quando o ouvi tocar, por um momento pensei...

Estava sentada numa cadeira do lado oposto a ele e disse: — Por favor, fale. Você o conhecia. Diga qualquer coisa.

E ele falou. O céu escureceu lá fora enquanto ele falava.

Reparou, passado um tempo, que suas mãos se encontraram.

Ele disse: — Não queria me apaixonar, ainda por cima pela garota do Harry.

— Quando aconteceu isso? — perguntei-lhe.

— Estava muito frio e eu me levantei para fechar as cortinas. Só reparei que tinha minha mão na dela quando a retirei. Quando me levantei e olhei para ela, estava ela olhando para cima. Não era um rosto belo, esse era o problema. Era um rosto vulgar, que se vê todos os dias. Um rosto que resiste ao tempo. Senti-me como se tivesse entrado num país novo cuja língua não sabia falar. Sempre pensei que era a beleza que se amava numa mulher. Ali fiquei, junto às cortinas, esperando para puxá-las, olhando lá para fora. Não via mais nada além do meu próprio rosto e procurava-a com os olhos. Ela disse: "— E que fez Harry então?" E eu quis responder: "Que se lixe o Harry. Está morto. Ambos o amamos, mas está morto. Os mortos são para esquecer." Em vez disso, o que consegui dizer foi: — "O que acha? Assobiou a velha melodia como se não fosse nada." E pus-me a assobiar o melhor que pude. Ouvia-a respirar, olhei à volta e, antes que tivesse tempo de pensar se seria a altura exata e as palavras exatas, disse: — Ele está morto. Não pode continuar o resto da vida a lembrá-lo.

— Eu sei, mas talvez aconteça qualquer coisa — disse ela.

— Que quer dizer com isso?

— Ou talvez haja outra guerra e eu morra, ou talvez os russos me levem.

— Vai esquecer. Voltará a apaixonar-se.

— Eu sei, mas não quero. Não vê que não quero?

E assim Rollo Martin regressou da janela e voltou a sentar-se no divã. Quando se levantara meio minuto antes, era o amigo de Harry a confortar a garota de Harry; agora era um homem apaixonado por Anna Schmidt, que estivera apaixonada por um homem a quem ambos tinham chamado Harry Lime. Nessa noite não voltou a falar do passado. Em vez disso, começou a falar das pessoas que tinha visto.

— De Winkler espero tudo — disse ele —, mas do Cooler gostei. Foi o único dos seus amigos que defendeu o Harry. O

problema é que, se Cooler estiver certo, então o Koch está errado, e eu pensei que houvesse ali qualquer coisa.

— Quem é Koch? Explicou como voltara ao apartamento de Harry, descreveu a sua entrevista com Koch, a história do terceiro homem.

— Se isso é verdade — disse ela —, é muito importante.

— Isso não prova nada. Afinal, Koch fugiu ao inquérito, tal como esse estranho.

— Não é isso que interessa — disse ela. — Significa que eles mentiram: — Kurtz e Cooler.

— Talvez tenham mentido para não comprometerem esse tipo, se ele era amigo.

— Mais um amigo no local. E onde está então essa propalada honestidade de Cooler? — Que podemos fazer? Koch fechou-se como uma ostra e deu-me com a porta na cara.

— A mim não me põe ele na rua — disse ela —, pelo menos a Ilse não põe.

Caminharam juntos ao longo da rua em direção ao apartamento; a neve se colava aos pés e fazia-os se moverem como condenados presos a correntes.

— É longe? — perguntou Anna Schmidt.

— Já não é muito longe. Vê aquele grupo de pessoas lá em cima? É por ali perto.

O grupo era como uma mancha de tinta na brancura da neve, uma mancha que mudava de forma, alargando-se. Quando se aproximaram mais, Martin disse: — Acho que é aquele bloco. Que será aquilo: uma manifestação política? Anna Schmidt parou.

— Quem mais lhe falou de Koch? — perguntou.

— Só você e o coronel Cooler. Porquê? — Estou assustada. Isso lembra-me...

Ela tinha os olhos fixos na multidão e ele nunca soube que lembrança do seu passado confuso lhe viera à memória. — Vamos embora — pediu ela.

— Está maluca. Estamos no rastro de algo importante, muito importante...

— Espero por si.

— Mas você ia falar com ele.

— Primeiro, descubra o que esta gente toda está aqui a fazer — disse ela de uma maneira estranha para quem estava habituado a enfrentar multidões. — Detesto confusões.

Ele continuou a caminhar sozinho, pisando a neve. Não era um meeting político, porque não havia ninguém a discursar. Teve a impressão de que algumas cabeças se voltaram para o observar, como se fosse alguém de quem estivessem à espera. Quando chegou perto da multidão, soube que era aquela a casa. Um homem olhou para ele e perguntou: — O senhor é um dos deles? — Que quer dizer? — Da Polícia.— Não. Que estão eles a fazer? — Têm passado o dia a entrar e a sair.

— Que está esta gente aqui a fazer? — Querem vê-lo sair.

— A quem? — Herr Koch.

Ocorreu a Martin que alguém, além dele próprio, descobrira que Herr Koch não depusera, embora isso não fosse um assunto de Polícia.

— Que fez ele? — perguntou.

— Ainda ninguém sabe. Eles também não chegaram a nenhuma conclusão, tanto pode ser suicídio como assassinato.

— Herr Koch? — Claro. Uma criança veio ter com o informador e puxou-lhe o braço.

— Papá! Papá! — Trazia um barrete de lã na cabeça. Parecia um gnomo e tinha o rosto arroxeadado do frio.

— Sim, querido, que é? — Ouvi-os falar pelas grades.

— Espertalhão! Que ouviste, Hansel? — Ouvi Frau Koch chorar.

— Foi só isso, Hansel? — Não. Ouvi o homem grande falar, papá.

— Ah, meu sabido. Conta ao papá o que ele disse.

— Ele disse: — "Pode dizer-me, Frau Koch, como era o estrangeiro?" — Ah, ah, está a ver, pensam que é ele o criminoso. E não devem estar errados. Por que iria Herr Koch cortar a sua própria garganta? — Papá! Papá! — Diz, Hansel.

— Quando espreitei pelas grades, vi sangue.

— Sim? E como sabes que era sangue? A neve apaga tudo. —  
O homem virou-se para Martin e disse: — Esta criança tem cá uma imaginação! Se calhar, quando crescer vai ser escritor.

O pequeno de rosto arroxeadado olhou solenemente para Martin.

— Papá! — disse a criança.

— Que é, Hansel? — Este também é estrangeiro.

O homem deu uma gargalhada, fazendo que algumas cabeças se voltassem.

— Ouça isto, senhor, ouça — disse com orgulho —, ele pensa que foi você só porque é estrangeiro. Como se não houvesse atualmente mais estrangeiros em Viena. — Papá! Papá! — Que há, Hansel? — Vêm a sair.

Um cordão de polícias cercava a maca, que baixaram cautelosamente para descer as escadas, com medo de que ela escorregasse.

O homem disse: — Não podem trazer uma ambulância até aqui devido às ruínas.

Têm de o levar até à esquina.

Frau Koch vinha no fim da procissão. Trazia um xale na cabeça e vestia um velho casaco de estopa. Parecia um boneco de neve quando escorregou no pavimento. Alguém lhe estendeu uma mão caridosa e ela olhou em volta, em desespero, para aquela multidão de estranhos. Se havia ali amigos, ela não os reconheceu. Martin curvou-se quando ela passou, fingindo que apertava os cordões, mas ao erguer os olhos viu que o pequeno Hansel o fitava friamente.

Enquanto voltava para junto de Anna, olhou uma vez para trás. A criança puxava o braço do pai e os seus lábios articulavam as sílabas, como o estribilho de uma lúgubre balada: — Papá! Papá! Koch foi assassinado. Vamos embora daqui — disse para Anna.

Caminhou tão depressa quanto a neve lho permitia. A suspeita da criança parecia espalhar-se como uma nuvem por cima da cidade, não conseguiam caminhar suficientemente depressa para fugirem à sua sombra. Não ligou quando Anna lhe disse: — Então o que Koch disse era verdade. Havia um terceiro homem. —

Voltou a não prestar atenção quando ela continuou: — Deve ter sido assassinato. Não se mata um homem por menos. Ao fundo da rua, os elétricos brilhavam. Tinham chegado ao Ring e Martin disse: — É melhor você voltar para casa sozinha. Eu mantenho-me afastado até as coisas estarem mais esclarecidas.

— Mas não podem suspeitar de si.

— Eles estão a fazer perguntas sobre o estrangeiro que visitou ontem Koch. Poderão acontecer coisas desagradáveis.

— Por que não vai à Polícia? — São tão estúpidos! Não confio neles. Veja como eles acusam Harry. E eu tentei agredir esse homem, Callaghan. Vão tratar-me da saúde. O menos que podem fazer é mandar-me sair de Viena. Mas se me mantiver sossegado... a única pessoa que pode denunciar-me é Cooler.

— Mas ele não vai querer fazer isso.

— Se for culpado, vai. Mas eu não acredito que seja.

Antes de o deixar, ela disse: — Tenha cuidado. Koch sabia muito pouco e eles assassinaram-no. Você sabe tanto como Koch.

Este aviso manteve-se presente enquanto se dirigia para o Sacher: depois das nove, as ruas estão desertas e ele virava a cabeça cada vez que ouvia passos atrás de si; como se aquele terceiro homem que os outros protegiam o seguisse como um carrasco.

A sentinela russa à porta do Grande Hotel estava rígida de frio, mas era humana, tinha um rosto, um rosto honesto de camponês com olhos de mongol. O terceiro homem não tinha rosto: só a ponta da cabeça vista de cima de uma janela. No Sacher, Mr. Schmidt disse: — O coronel Calloway esteve aqui a perguntar pelo senhor.

Acho que agora está no bar.

— Volto já — disse Martin, e tornou a sair do hotel: queria tempo para pensar. Mas, logo que pôs o pé na rua, um homem avançou, tocou-lhe no casaco e disse firmemente: — Por favor, senhor.

Abriu a porta de um carro cinzento com a bandeira inglesa pintada no para-brisas e empurrou Martin para dentro. Este rendeu-

se sem protestar: sabia que mais cedo ou mais tarde haveria inquirições; só tinha fingido otimismo para Anna Schmidt.

O condutor conduzia depressa demais sobre a estrada gelada e Martin protestou. A resposta que teve foi um grunhido e uma frase murmurada em que entrava a palavra ordens.

— Tem ordem para me matar? — perguntou Martin, sem obter resposta.

Avistou de relance os titãs de Hofburg envoltos em grandes blocos de neve e depois meteram por um conjunto de ruas mal iluminadas que o deixaram completamente baralhado.

— É longe? — perguntou, mas o condutor não lhe prestou atenção. "Pelo menos", pensou Martin, "não estou sob prisão, eles não me mandaram um guarda; estou a ser convidado — não era essa a palavra que usavam? a visitar a esquadra para prestar declarações.

O carro estacionou e o condutor acompanhou-o pelos dois lanços de escada; tocou à campainha de uma enorme porta dupla e Martin ouviu várias vozes do outro lado.

Voltou-se rapidamente para o condutor e disse: — Que raio?... — Mas este já se encontrava a meio das escadas e já tinha a porta aberta. Piscou os olhos devido à luz; ouviu, embora não pudesse ver claramente, Crabbin, que se lhe dirigia: — Pshh, Mr. Dexter, temos estado ansiosos, mas é melhor tarde que nunca. Deixe-me apresentá-lo a Miss Wilbraham e à condessa Von Meyersdorf.

Um bufete com xícaras de café; uma cafeteira fumegante, um rosto de mulher suado, dois jovens de expressão alegre e inteligente e, ao fundo, como rosto num álbum de fotografias, as fisionomias antiquadas, honestas e atentas dos leitores fiéis. Martin olhou para trás, mas a porta fechara-se.

Disse desesperadamente para Mr. Crabbin: — Desculpe, mas...

— Não pense mais no assunto — disse Mr. Crabbin. — Uma xícara de chá e depois começaremos com a discussão. Temos hoje aqui uma boa assistência. Tem um auditório à sua altura, Mr. Dexter. Um dos homens mais jovens meteu-lhe uma xícara na mão e

o outro serviu-o de açúcar antes que Martin tivesse tempo de dizer que gostava de café amargo. O mais jovem disse-lhe ansioso: — Depois importa-se de me assinar um dos seus livros, Mr.

Dexter? Uma mulher gorda vestida de seda preta veio ter com ele e disse: — Não me importo que a condessa ouça, Mr. Dexter, mas não gosto dos seus livros, não me agradam. Penso que um romance devia contar uma história agradável.

— Eu também penso assim — respondeu Martin, atordoado.

— Vamos, Mrs. Bannock, ainda não chegou o momento das perguntas.

— Bem sei que estou a ser franco demais, mas tenho a certeza de que Mr. Dexter aprecia a franqueza.

Uma velhota que ele supôs ser a condessa disse: — Não leio muitos livros ingleses, Mr. Dexter, mas ouvi dizer que os seus...

— Importa-se de acabar de beber? — interrompeu Crabbin, levando-o para uma sala interior, onde várias pessoas de idade estavam sentadas em cadeiras dispostas em semicírculo com uma expressão de melancólica paciência. Martin não pôde contar muita coisa sobre a reunião; tinha o espírito ainda ensombrado pela morte; quando erguia os olhos, esperava ver a cada momento o pequeno Hansel repetindo o eterno estribilho: "Papá! Papá!" Ao que parece, foi Crabbin quem deu início aos trabalhos, e, conhecendo-o como conheço, tenho a certeza de que juntou um quadro muito vivo, justo e imparcial do panorama do romance inglês contemporâneo. Ouvi-o várias vezes falar sobre isso e as variantes limitavam-se sempre ao papel preponderante que dava à obra do escritor inglês de visita. Costumava aflorar levemente os diversos problemas da técnica — o ponto de vista, a passagem do tempo, e então declararia aberta a sessão para perguntas e debates.

A primeira pergunta escapou a Martin, mas felizmente Crabbin respondeu satisfatoriamente. Uma mulher de chapéu castanho com um pedaço de pele à volta da garganta perguntou com interesse apaixonado: — Posso perguntar a Mr. Dexter se ele está ocupado com outra obra? — Oh, sim, sim...

— Posso saber o título? — O Terceiro Homem — disse Martin, ganhando nova confiança por ter vencido aquele obstáculo.

— Mr. Dexter, pode dizer-nos qual foi o autor que mais o influenciou? Martin, sem pensar, disse: — Grey. — Referia-se, claro, ao autor de Cavaleiros da Saga Vermelha, e ficou satisfeito por verificar que a sua resposta tinha provocado a satisfação geral, exceto para um velho austríaco, que perguntou: — Grey. Qual Grey? Não conheço.

Martin sentia-se agora seguro e disse: — Zane Grey... Não conheço outro. A colônia inglesa riu à socapa e Crabbin correu em auxílio dos austríacos.

— Isto é uma brincadeira de Mr. Dexter. Ele referia-se ao poeta Gray, um gênio sutil, suave e discreto, compreende-se a afinidade.

— E chama-se Zane Grey? — Essa foi a brincadeira de Mr. Dexter. Zane Grey escreveu aquilo que chamamos Westerns — pequenos romances de tipo popular sobre bandidos e cowboys.

— Então não é um grande escritor? — Não, não. Muito longe disso — disse Mr. Crabbin. — Eu até diria que ele não é um escritor.

Martin contou-me que sentiu aqui os primeiros sintomas de revolta. Nunca se encarara como escritor, mas a autoconfiança de Crabbin irritava-o, até a maneira como a luz brilhava nos óculos de Crabbin era uma causa adicional de irritação.

Crabbin disse: — Ele apenas se limitou a divertir as pessoas.

— E porque não? — perguntou Martin, desafiadoramente.

— Oh, bem, eu só queria dizer...

— Quem foi Shakespeare? Alguém, muito ousado, disse: — Um poeta.

— Já leu Zane Grey? — Não, não posso dizer que...

— Então não sabe do que está a falar.

Um dos jovens tentou vir em auxílio de Crabbin.

— E James Joyce, onde colocaria James Joyce, Mr. Dexter? — Que quer dizer com colocaria? Não quero colocar ninguém em lugar nenhum — respondeu Martin. Tivera um dia muito cheio! Bebera de mais com o coronel Cooler; apaixonara-se; um homem fora assassinado e agora tinha a impressão injusta de que o estavam a gozar. Zane Grey era um dos seus heróis, e raios o levassem se ia aturar mais disparates.

— Quer dizer que o colocaria entre os grandes? — Se querem saber, nunca ouvi falar dele. Que é que ele escreveu? Não se apercebeu de que estava a causar uma enorme impressão. Só um grande escritor poderia mostrar-se tão arrogante e original. Várias pessoas escreveram o nome Zane Grey nas costas dos sobrescritos e a condessa perguntou a Crabbin: — Como se escreve Zane? — Se quer que lhe diga, também não sei.

Caíram em seguida sobre Martin uma série de nomes, uns pontiagudos como Stein, outros redondos como Woolf. Um jovem austríaco, de cabeleira intelectual, atirou Daphne du Maurier, e Mr. Crabbin olhou de lado para Martin.

— Seja gentil com eles — disse em voz baixa.

Uma mulher de rosto simpático e saia tricotada à mão perguntou: — Não acha, Mr. Dexter, que ninguém, ninguém escreveu tão poeticamente sobre os sentimentos como Virgínia Woolf? E em prosa.

Crabbin murmurou: — Diga alguma coisa sobre a corrente de consciência.

— Corrente de quê? Uma nota de desespero transpareceu na voz de Crabbin: — Por favor, Mr. Dexter, estas pessoas são admiradores genuínos. Querem ouvir as suas opiniões. Se soubesse como insistiram com o Instituto! Um austríaco mais velho perguntou: — Há hoje algum escritor inglês da envergadura do falecido John Galsworthy? Seguiu-se uma explosão de comentários coléricos em que os nomes de Du Maurier, Priestley e um tal Layman andaram no ar.

Martin recostou-se lugubrememente na cadeira e voltou a ver a neve, a maca e o rosto angustiado de Frau Koch. Pensou: "Se eu não tivesse lá voltado, se não tivesse feito perguntas, será que aquele homenzinho ainda estaria vivo?" Que benefício prestara ele a Harry, arranjando outra vítima, uma vítima sacrificada ao medo de quem? — Herr Kurtz, o coronel Cooler (não acreditava nisso), o doutor Winkler? Nenhum deles parecia capaz de tal crime; ainda ouviu a criança a dizer "vi sangue" e parecia-lhe que alguém virava para o seu lado um rosto sem feições, um rosto de plástico cinzento, o terceiro homem.

Martin não saberia dizer como se passou o resto da discussão. Talvez Crabbin tivesse tomado a direção; talvez ele tivesse sido ajudado pela assistência, que se envolvera em acesa discussão sobre a versão cinematográfica de um popular romance americano. Lembrava-se de que pouco antes Crabbin fizera o discurso final de despedida, em sua honra. Então, um dos jovens conduziu-o para uma mesa cheia de livros e pediu-lhe que os assinasse.

— Só deixamos cada membro levar um livro.

— Que tenho de fazer? — Só assinar. É isso que eles querem. Este é o meu exemplar de A Proa Curva. Ficar-lhe-ia muito grato se escrevesse qualquer coisa...

Martin agarrou a caneta e escreveu: De B. Dexter, autor de O Cavaleiro Solitário de Santa Fé, e o jovem leu a frase e ficou com ar perplexo. Quando Martin se sentou e começou a assinar os livros de Benjamin Dexter, viu pelo espelho que o jovem mostrava a sua assinatura a Crabbin. Este sorria palidamente e confiava maquinalmente o queixo. B. Dexter, B.

Dexter, B. Dexter, escrevia Martin rapidamente, afinal não era mentira. Um a um, os livros eram recolhidos pelos seus proprietários, que faziam pequenos comentários de agrado e saudação; era isto ser escritor? Martin começou a sentir uma franca irritação em relação a Benjamin Dexter. O palerma pomposo, complacente, cansativo, pensou ele, assinando o vigésimo sétimo exemplar de A Proa Curva. Cada vez que erguia os olhos e pegava num livro encontrava o olhar preocupado e especulativo de Crabbin. Os membros do Instituto começavam a retirar-se, a sala ia-se esvaziando. De repente, pelo espelho, Martin viu um polícia.

Parecia discutir com um dos jovens de Crabbin. Martin pensou ter ouvido pronunciar o seu nome. Foi então que perdeu a calma e o senso comum. Só havia mais um livro para assinar. Escreveu o último B. Dexter e dirigiu-se para a porta. O jovem, Crabbin e o polícia estavam juntos à entrada.

— E este senhor? — perguntou o polícia.

— É Mr. Benjamin Dexter — disse o jovem.

— Quarto de banho. Há aqui um quarto de banho? — perguntou Martin.

— Parece que um tal Rollo Martin veio até aqui num dos vossos carros.

— Um erro. Um erro óbvio.

— Segunda porta à esquerda — disse o jovem.

Martin agarrou o casaco e desceu a correr as escadas. No pátio do primeiro andar ouviu alguém que subia as escadas, e, olhando, viu Paine, que eu mandara para o identificar. Abriu uma porta ao acaso e fechou-a nas costas dele. Ficou a ouvir Paine continuar. O quarto onde se encontrava estava às escuras; ouviu uns estranhos gemidos e voltou-se para ver o que era.

Não conseguiu ver nada e o som parou. Fez um pequeno movimento e de novo este começou, com uma respiração entrecortada. Manteve-se quieto e o som desapareceu. Lá fora alguém chamou: — Mr. Dexter! Mr. Dexter! Depois, outro som se ouviu. Era como que alguém a murmurar, um monólogo longo e contínuo na escuridão.

Martin perguntou: — Está aí alguém? — E o som parou de novo. Já não aguentava mais aquilo. Pegou no isqueiro. Ouviam-se passos na escada.

Fartou-se de mexer no isqueiro, mas este não acendia. Alguém se moveu na escuridão e ouviu-se um barulho de correntes.

— Está aí alguém? — E só o clique clique do metal lhe respondeu.

Martin procurou desesperadamente um interruptor, primeiro à sua direita, depois à esquerda. Não se atrevia a ir mais longe porque não conseguia localizar o outro ocupante; o sussurro, o gemido, o clique, tinham desaparecido. Então teve medo de já não saber onde ficava a porta e procurou freneticamente o puxador. Tinha muito menos medo da Polícia do que da escuridão e não calculava o barulho que estava a fazer.

Paine ouviu-o do fundo das escadas e voltou para trás.

Acendeu a luz do pátio e a sombra sob a porta indicou a Martin a sua direção. Abriu a porta e, sorrindo vagamente para Paine, voltou-se para dar uma segunda vista de olhos à sala. Os

olhos de um papagaio preso ao poleiro por uma corrente fitavam-no. Paine disse respeitosamente: — Andávamos à sua procura, senhor. O coronel Calloway quer falar consigo.

— Perdi-me — disse Martin.

— Pois. Foi isso que pensamos ter acontecido.

# Capítulo X

Eu tinha ficado com um relatório dos movimentos de Martin a partir do momento em que soubera que ele não apanhara o avião de regresso a casa. Ele fora visto com Kurtz, e no Teatro Josefstadt; eu sabia da sua visita ao doutor Winkler e ao coronel Cooler, o seu regresso ao prédio onde Harry vivera. Por qualquer razão, o meu homem perdeu-o entre o apartamento de Cooler e o de Anna Schmidt; o seu relatório referia que ele vagueava bastante e a impressão com que ambos ficamos foi a de que ele despistara deliberadamente a sua sombra. Tentei apanhá-lo no hotel, mas não consegui.

Os acontecimentos tinham tomado um rumo inquietante, e pareceu-me que chegara o momento de outro encontro. Ele tinha muito a explicar.

Coloquei uma secretária grande entre nós e dei-lhe um cigarro. Achei-o triste, mas pronto para falar, dentro de estritos limites. Perguntei-lhe por Kurtz e pareceu-me que respondeu satisfatoriamente. Falei-lhe depois de Anna Schmidt e supus, baseado na sua resposta, que ele devia ter estado com ela depois de ter visitado o coronel Cooler; isso preenchia um dos pontos em branco. Tentei saber coisas sobre o doutor Winkler, e aí ele respondeu imediatamente.

— Você tem andado muito por aí — disse eu. — E descobriu alguma coisa acerca do seu amigo? — Oh, sim — respondeu ele. — Estava debaixo de seu nariz, mas você não viu.

— O quê? — Que ele foi assassinado. Aquilo apanhou-me de surpresa. Já chegara a pensar em suicídio, mas até essa ideia rejeitara.

— Continue — disse eu.

Ele tentou eliminar da sua história todas as referências a Koch, falando de um informador que assistira ao acidente. Isto tornou a história bastante confusa, e a princípio não percebi por que

dava ele tanta importância ao terceiro homem.— Ele não apareceu no inquérito e os outros mentiram para o manterem de fora.

— Nem o seu jovem apareceu; também não acho que isso seja muito importante. Se de fato foi um acidente, temos os testemunhos suficientes. Para quê meter o outro tipo em trabalhos? Talvez a mulher pensasse que ele estava fora da cidade; talvez ele tivesse saído sem autorização: as pessoas às vezes fazem viagens não autorizadas a Viena, vindas de locais como Klagenfurt. São as delícias das grandes cidades.

— Há mais do que isso. O tipo que me contou... eles assassinaram-no. Está a perceber, eles, obviamente, não sabiam que mais tinha visto.

— Agora já lá chegamos — disse eu. — Refere-se a Koch.

— Sim.

— Tanto quanto sabemos, você foi a última pessoa a vê-lo vivo. — Interroguei-o para saber se ele fora seguido a casa de Koch por alguém mais esperto do que o meu homem e que se tivesse mantido encoberto. — A Polícia austríaca está ansiosa por o acusar disto — disse eu. — Frau Koch contou-lhe como o marido ficou perturbado pela sua visita. Quem mais sabia? — Conte a Cooler — disse eu, excitado. — Suponha que logo que eu saí ele telefonou a alguém a contar a história — talvez ao terceiro homem. Eles tinham de calar Koch. — Quando você falou no Koch ao coronel Cooler, ele já estava morto. Nessa noite, ele levantou-se da cama ao ouvir alguém e desceu as escadas...

— Bem, isso põe-me de fora. Eu estava no Sacher.

— Mas ele foi para a cama muito cedo. A sua visita provocou-lhe enxaqueca. Foi pouco depois das nove que se levantou. Você voltou ao Sacher às nove e meia. Onde estava antes disso? — Andei por aí a ver se entendia as coisas — disse ele lugubrememente.

— Tem testemunhas dos seus movimentos? — Não.

Como queria assustá-lo, não lhe disse que o mandara seguir o tempo todo. Eu sabia que ele não tinha cortado a garganta a Koch, mas já não tinha tanta certeza de que ele fosse tão inocente quanto parecia. O dono da faca nem sempre é o verdadeiro criminoso.

— Posso fumar outro cigarro? — Sim.

— Como soube que eu fui a casa de Koch? Foi por isso que me mandou buscar, não foi? — perguntou ele.

— A Polícia austríaca...

— Eles não me tinham identificado.

— Logo que você saiu de casa do coronel Cooler, ele telefonou-me imediatamente.

— Então isso também o iliba. Se ele estivesse envolvido, não queria que eu Lhe fosse contar a minha história, quero dizer, a história de Koch.

— Pode ter pensado que você era um homem sensato e viria ter comigo logo que soubesse da morte de Koch. E a propósito, como soube? Ele contou-me sem a menor hesitação e eu acreditei. Foi então que comecei a confiar completamente nele.

— Ainda não posso acreditar que o Cooler esteja envolvido — disse ele. — Aposto na sua honestidade. É um daqueles americanos com o verdadeiro sentido do dever.

— Sim — disse eu —, ele falou-me disso quando me telefonou.

Pedi desculpa. Disse que era consequência de ter sido educado na crença da cidadania e que isso Lhe dava a sensação de pedantismo. Para Lhe falar verdade, Cooler irrita-me. Claro, ele ignora que eu sei dos seus negócios com pneus.

— Então ele também está metido em negócios escuros? — Sim, mas não são coisas muito importantes. Deve ter-se safado com vinte e cinco mil dólares. Mas eu não sou um bom cidadão. Os americanos que tratem dos seus cidadãos.

— Diabos me levem — disse ele pensativamente. — Harry também estava metido nisso? — Não. Não era um negócio tão inofensivo! — Sabe, este caso da morte de Koch abalou-me bastante — disse ele. — Talvez Harry se tenha metido nalgum negócio escuro. Talvez estivesse a tentar desligar-se e o tivessem assassinado por isso.

— Ou talvez — disse eu — quisessem uma fatia maior nos lucros. Por vezes, os ladrões desentendem-se.

Desta vez Martin não se encolerizou.

— Não estamos de acordo quanto aos motivos, mas creio que você tem uma certa razão. Lamento o meu comportamento de há dias — disse ele.

— Não tem importância. — Há momentos em que temos de tomar uma decisão repentina — e este foi um deles. Eu devia-lhe alguma coisa em troca da informação que me dera. — Vou contar-lhe alguns fatos sobre o caso de Lime para que compreenda melhor. Mas vai sofrer um choque — disse eu.

Não pude deixar de me sentir chocado. A guerra e a paz (se se pode chamar paz) tinham feito surgir um número de negócios escuros, mas nenhum tão obscuro e vil como este. Os traficantes do mercado negro de gêneros alimentares, pelo menos, forneciam alimentos e o mesmo se aplicava a todos os outros traficantes que forneciam artigos a preços extravagantes. Mas o mercado negro da penicilina era um caso muito diferente. A penicilina na Áustria era fornecida só aos hospitais militares; nem os médicos civis, nem mesmo os hospitais civis, conseguiam obtê-la por meios legais. A princípio, esta traficância era inofensiva. A penicilina era roubada por militares e vendida a preços muito altos a médicos austríacos; um pequeno frasco chegava a custar sete libras.

Poder-se-ia dizer que esta era uma forma de distribuição, embora injusta, porque só beneficiava os doentes ricos, mas já a distribuição original também não era justa.

O negócio corria bem durante algum tempo. De vez em quando era apanhado e punido um gatuno, mas o perigo só fazia subir o preço da penicilina. Depois, o negócio começara a organizar-se: os grandes especuladores viram ali muito dinheiro e, embora o ladrão recebesse menos, gozava de uma certa segurança. A natureza humana tem razões curiosas que o coração desconhece. Aliviava as consciências daqueles pequenos criminosos o fato de saberem que trabalhavam para um patrão: aos seus próprios olhos eram quase tão respeitáveis como os assalariados; faziam parte de um grupo, e, se houvesse culpados, eram os chefes. Uma organização deste tipo funciona quase como um partido totalitário.

Esta foi o que considerei ser a segunda fase. A terceira parte começou quando os organizadores decidiram que os lucros não

eram suficientes. Não seria sempre impossível conseguir legitimamente a penicilina; eles queriam dinheiro mais rapidamente e em maior quantidade enquanto isso era possível. Começaram a misturar a penicilina com água colorida, e, quando a penicilina era em pó, misturavam-na com pó ou areia. Eu tinha algumas amostras numa gaveta da secretária e mostrei-as a Martin. Ele não estava a gostar do que ouvia, mas ainda não compreendera o mais importante.

— Suponho que isso tornava a droga ineficaz — disse ele.

— Não nos preocuparíamos tanto se fosse só isso — disse eu.

— Pode-se ser imunizado dos efeitos da penicilina. Mas o uso desta mistura fez que os doentes fiquem de futuro insensíveis aos efeitos da penicilina. E isso não tem piada nenhuma quando se sofre de uma doença venérea. E a utilização de areia numa ferida que requer penicilina, bem, não é lá muito saudável. Já muitos homens perderam pernas e braços dessa maneira — e também as vidas. Mas talvez o mais horrível seja visitar o hospital para crianças. Compraram alguma desta penicilina para usar contra a meningite. Algumas crianças morreram e outras enlouqueceram. Pode vê-las agora na enfermaria de doentes mentais.

Martin estava sentado do outro lado da secretária, a olhar para as mãos.

— É horrível pensar nisso, não? — disse eu.

— Não me provou ainda que Harry...

— Já lá vamos — respondi eu. — Deixe-se ficar sentado e ouça. — Abri o dossiê de Lime e comecei a ler. No princípio, as provas eram puramente circunstanciais, e Martin agitou-se na cadeira. Havia muita coincidência, relatórios de agentes contando que Lime estivera num certo local a determinada hora, a acumulação de oportunidades, o seu relacionamento com certas pessoas. Martin chegou a protestar uma vez.

— Mas a mesma prova se aplica contra mim agora. — Espere — disse eu. — Por qualquer razão, Harry Lime tornara-se descuidado: pode ter percebido que suspeitávamos dele e ficado nervoso. Ele ocupava uma posição importante numa organização de assistência social e um homem desses é apanhado com maior

facilidade. Colocamos um dos nossos agentes no Hospital Militar inglês: já então sabíamos o nome do intermediário, mas ainda não tínhamos descoberto o fio condutor à fonte. De qualquer forma, vou agora maçar o leitor como macei Martin, na altura a contar todas as fases, a longa luta para ganhar a confiança do intermediário, um homem chamado Harbin. Por fim, depois de apanhado, apertamos até que falasse. Este tipo de trabalho policial é muito semelhante ao do serviço secreto: procura-se um agente duplo a quem se possa de fato controlar, e Harbin era o homem que nos convinha, mas afinal só nos levou até Kurtz.

— Kurtz! — exclamou Martin. — Mas por que não o prenderam?

— A hora H está quase chegando — disse eu.

Chegar a Kurtz já fora um grande passo, porque Kurtz estava em comunicação com Lime, visto que ocupava um pequeno lugar numa repartição ligada à assistência social internacional. Quando Lime estava com pressa, costumava escrever a Kurtz. Mostrei a Martin a fotocópia de uma carta.

— Pode identificar isto? — É a letra de Harry. Não vejo nada de mal — disse, depois de a ler.

— Não, mas agora leia este papel de Harbin para Kurtz, ditado por nós. Repare na data. Este é o resultado.

Ele leu-a duas vezes.

— Está a ver o que quero dizer? — Se assistíssemos ao fim do mundo ou a um avião que se desviasse da rota, suponho que não nos poríamos a conversar, e para Martin o mundo tinha com certeza chegado ao fim, um mundo de amizade, de culto do herói e de confiança nesse herói que começara vinte anos antes no corredor de uma escola. Todas as recordações, as tardes passadas na relva, os tiros furtivos em Brickworth, os sonhos, os passeios, cada experiência partilhada, tudo acabara arrasado como o solo de uma cidade bombardeada, onde não era possível caminhar com segurança durante muito tempo. Enquanto ele ali estava, a olhar para as mãos sem dizer nada, fui buscar uma garrafa de uísque e servi dois duplos.

— Continue — disse eu. — Beba isto.

Ele obedeceu como se eu fosse o seu médico. Servi-Lhe outro.

— Tem a certeza de que ele era o chefe? — perguntou devagar.

— Tanto quanto sabemos, era.

— Sabe, é que ele às vezes era um tanto precipitado.

Eu não o contradisse, embora não fosse essa a imagem que anteriormente ele me dera de Lime. Procurava confortar-se.

— Suponha — disse ele — que alguém o apanhou e o forçou a entrar nesse negócio, tal como você forçou Harbin a fazer jogo duplo.

— É possível.

— E então assassinaram-no com medo de que ele falasse quando fosse preso.— Não é impossível.

— Ainda bem que o fizeram — disse ele. — Eu não gostaria de saber que Harry fraquejara. — Fez um gesto com a mão no joelho como quem limpa o pó, que se podia traduzir por: "Está o caso arrumado". — Acho que vou voltar para Inglaterra — disse.

— Preferia que não fosse já. A Polícia austríaca emitiria um mandato se você tentasse sair de Viena nesta altura. Vê, o sentido do dever de Cooler levou-o a telefonar-lhe também.

— Estou a perceber — disse ele, desalentado.

— Quando encontrarmos o terceiro homem... — disse eu.

— Gostava de o ver tremer — disse ele. — O safado! O raio do patife!

# Capítulo XI

Depois de me deixar, Martin tratou imediatamente de se embriagar. Escolheu para isso o Oriental, o horrível e fumarento clube noturno que se esconde por detrás da fachada de um bazar exótico. Nas paredes das escadas, as mesmas fotografias de mulheres seminuas, no bar os mesmos americanos meio bêbados, o mesmo vinho de má qualidade e os gins indescritíveis, semelhantes a qualquer cabaré de terceira classe de qualquer miserável capital da miserável Europa. Em dado momento daquela madrugada sem esperança, a patrulha internacional entrara para dar uma vista de olhos e um soldado russo deu um salto para as escadas quando a viu, movendo-se com a cabeça baixa como um pequeno animal acoitado. Os americanos não se mexeram e ninguém se meteu com eles. Martin despejava copo após copo; provavelmente, também teria arranjado uma mulher, mas todas as artistas do cabaré se haviam já retirado e não havia praticamente mulheres, exceto uma bonita jornalista francesa de ar perspicaz, que, depois de comentar qualquer coisa com o seu companheiro, se deixou imediatamente adormecer.

Martin mudou de pouso: no Maxim's, alguns pares dançavam lugubrememente e num local chamado Chez Victor o aquecimento encontrava-se avariado e as pessoas estavam sentadas, de sobretudo vestido, bebendo coquetéis. Por essa altura, já Martin via flutuar pontos luminosos em frente dos olhos e se sentia angustiosamente só. Voltou a lembrar-se da rapariga em Dublin e da outra em Amsterdam. Para além da bebida certa e do simples ato físico, há uma coisa que não engana: não se conte com a fidelidade de uma mulher. O seu pensamento girava em círculos — do sentimentalismo à luxúria e da confiança ao cinismo.

Os elétricos já não funcionavam e ele dirigiu-se obstinadamente a pé para casa da pequena de Harry. Queria fazer amor com ela, só assim, sem pieguice nem sentimentalismo. Estava

disposto à violência e a rua coberta de neve ondulava como a superfície de um lago, e isso fez que os seus pensamentos tomassem um novo rumo, em direção à melancolia, amor eterno, renúncia. Num abrigo de um muro vomitou sobre a neve.

Deviam ser cerca de três da manhã quando subiu as escadas que davam para o quarto de Anna. Nessa altura já se encontrava praticamente sóbrio e tinha uma única ideia na cabeça: ela também deveria ser informada sobre Harry.

Sentia que de algum modo esta revelação resgataria o preço que a memória deixa nos seres vivos, e arriscaria a sorte com a pequena de Harry. Quando um homem está enamorado, nunca lhe ocorre que a rapariga o possa ignorar: julga sempre que lho confessou francamente num tom de voz ou num aperto de mão.

Quando Anna lhe abriu a porta, admirada por o ver, nunca lhe ocorreu que ela estava a abrir a porta a um estranho.

— Anna, descobri tudo — disse ele.

— Entre — respondeu ela —, não quero acordar o prédio todo.

Vestia um roupão, o divã tornara-se cama, o tipo de cama desfeita que mostrava a inquietação em que a sua ocupante se encontrava.

— Então — disse ela, enquanto ele ali estava especado à procura de palavras —, que se passa? Julguei que você se ia manter afastado. A Polícia anda atrás de si? — Não.

— Você não matou o homem, não? — Claro que não.

— Está bêbado, não está? — Um pouco — disse ele. O encontro não estava a correr conforme o previsto. — Desculpe — disse em tom zangado.

— Porquê? Também me apetece uma bebida.

— Estive a falar com a Polícia britânica — disse ele. — Estão convencidos de que não fui eu. Mas soube de tudo por eles. Harry estava metido em negócios escuros, muito escuros mesmo. Ele não era mesmo boa peça. Estávamos ambos enganados.

— É melhor contar-me tudo — disse Anna.

Sentou-se na cama e ele contou-lhe, encostado à mesa onde o texto datilografado com o papel dela estava aberto, na primeira

página. Imagino que lhe contou tudo de forma confusa, realçando o que a sua memória havia retido, as crianças mortas com meningite e as crianças na enfermaria para doentes mentais. Ele calou-se e ficaram em silêncio.

— É tudo? — perguntou ela.

— Sim.

— Você estava sóbrio quando Lhe contaram? E provaram isso? — Sim — admitiu ele lugubrememente. — Assim era Harry.

— Ainda bem que ele está morto agora — disse ela. — Eu não gostaria de o ver passar anos na prisão.

— Mas pode compreender como o Harry, o seu Harry, se poderia ter envolvido numa coisa destas? — perguntou ele desalentado.

— Sinto-me como se ele não tivesse nunca existido, parece um sonho. Será que ele nos tomou por parvos? — Talvez. Que interessa isso? — perguntou ela. — Sente-se, não se preocupe.

Ele imaginara ao contrário, ser ele a confortá-la a ela, não desta maneira.

— Se ele estivesse vivo agora, poderia explicar, mas temos de o lembrar tal como foi para nós. Há sempre tanta coisa que ignoramos sobre os outros, mesmo aqueles que amamos, coisas boas e outras más! Temos de deixar bastante espaço para elas.

— Aquelas crianças...

Ela disse, zangada: — Por amor de Deus, deixe de ver as pessoas à sua imagem.

Harry era real. Não era só o seu herói e o meu amante. Era Harry. Esteve metido em negócios escuros. Fez coisas horríveis. E então? Era o homem que conhecíamos.

— Não se arme em sensata — disse ele. — Não vê que a amo? Ela olhou-o, atônita.

— Você? — Sim, eu. Eu não mato pessoas com drogas falsificadas. Não sou um hipócrita que tenta convencer as pessoas de que é o maior, sou só um mau escritor que bebe de mais e se apaixona por raparigas...

— Mas eu nem sequer sei de que cor são os seus olhos — disse ela. — Se me telefonasse agora e me perguntasse se era

louro ou moreno, ou se usava bigode, eu não saberia responder.

— Não consegue esquecê-lo? — Não.

— Logo que eles esclareçam este assunto do Koch, saio de Viena — disse ele. — Já não me interessa saber se Kurtz matou Harry, ou se foi o terceiro homem. Quem quer que o matou cometeu um ato de justiça. Talvez, em tais circunstâncias, eu também o tivesse morto. Mas você ainda o ama. Ama um vigarista, um assassino.

— Amei um homem — respondeu ela. — Já lhe disse que a ideia que temos de um homem não se altera só porque se descobrem mais coisas acerca dele. Continua a ser o mesmo homem.

— Detesto o modo como fala. Tenho uma dor de cabeça terrível e você fala, fala...

— Não lhe pedi que viesse.

— Você põe-me confuso.

De repente, ela riu-se.

— É tão cômico... — disse. — Apareceu aqui às três da manhã, um estranho, e diz que me ama. Depois zanga-se e provoca uma discussão. Que espera que eu diga ou faça? — Nunca a tinha visto rir. Ria outra vez. Gosto de a ver rir.

— Não me apetece rir duas vezes — disse ela.

Ele agarrou-a pelos ombros e abanou-a delicadamente.

— Eu seria capaz de fazer caretas cômicas durante todo o dia. Punha-me de cabeça para baixo e fazia piruetas.

Aprenderia novas anedotas — disse ele.

— Afaste-se da janela. Não há cortinas.

— Não há ninguém.

Mas, ao certificar-se automaticamente desta afirmação, não se sentiu tão seguro: uma longa sombra tinha-se movido, talvez com o movimento das nuvens, sobre a Lua, mas estava agora imóvel.

— Ainda ama Harry, não é? — perguntou.

— Sim.

— Talvez. Não sei. — Ele deixou cair as mãos e disse: — Vou andando.

Afastou-se rapidamente. Não se preocupou em verificar se estava a ser seguido. Mas, ao passar no fim da rua, virou-se por acaso, e ali mesmo ao dobrar da esquina, cosido com a parede para passar despercebido, estava um vulto robusto. Martin parou e pôs-se a olhar. Havia qualquer coisa de familiar naquele vulto. "Talvez", pensou ele, "eu me tenha inconscientemente habituado a ele durante estas últimas vinte e quatro horas; talvez ele seja um dos que tão assiduamente se têm certificado dos meus movimentos." Martin ficou ali, alguns metros à frente, a olhar para o vulto imóvel e silencioso na rua escura, que olhava também para ele. Talvez fosse um espião da Polícia, ou um agente daqueles outros homens, os que tinham corrompido Harry primeiro para depois o assassinar, talvez até possivelmente o terceiro homem.

Não era o rosto que era familiar, porque ele não conseguia divisar mais do que o maxilar, nem o movimento, porque o corpo mantinha-se tão imóvel que ele começava a acreditar que tudo fora uma ilusão provocada pelas sombras.

Gritou alto: — Quer alguma coisa? — Não houve resposta. Voltou a gritar, agora com a irascibilidade da bebida: — Responda, ou não pode? E houve uma resposta, vinda de uma janela onde uma cortina fora corrida por algum dorminhoco acordado, e a luz incidiu sobre a rua estreita e iluminou as feições de Harry Lime.

## Capítulo XII

— Você acredita em fantasmas? — perguntou-me Martin.

— E você? — Agora acredito.

— Também acredito que os bêbados veem coisas, às vezes ratos, outras vezes pior.

Não veio logo ter comigo para me contar a história, só o perigo que Anna Schmidt corria o fez voltar ao meu gabinete, como uma coisa que o mar tivesse dado à costa, com a barba por fazer, perseguido por uma experiência que não conseguia compreender.

— Se fosse só o rosto, eu não me teria preocupado — disse ele. — Pensava no Harry e poderia facilmente tê-lo confundido com um estranho. A luz apagou-se logo, sabe. Só olhei de relance e o homem afastou-se pela rua abaixo, se é que era um homem. Não ia muito longe, mas eu fiquei tão espantado que lhe dei algum avanço. Ele entrou num desses quiosques de anúncios e durante um momento desapareceu. Corri atrás dele. Levei só dez segundos a chegar ao quiosque e ele deve ter-me ouvido correr, mas o estranho é que não tornou a aparecer. Cheguei ao quiosque e não havia lá ninguém. A rua estava vazia. Ele não podia ter entrado noutra porta sem eu o ver. Evaporou-se, simplesmente.

— Uma coisa natural para fantasmas ou ilusões.

— Mas eu não estava assim tão bêbado.

— Que fez então? — Tive de tomar outra bebida. Os meus nervos estavam em frangalhos. — E isso não o fez voltar? — Não, mas fez-me voltar a casa de Anna.

Penso que ele se teria envergonhado de vir ter comigo com a sua absurda história se não tivesse acontecido a tentativa com Anna Schmidt. A minha teoria, quando ele me contou a sua história, foi que de fato houvera um observador, embora a histeria e a bebida tivessem sido responsáveis pelo fato de ele ter avistado as feições de Lime. O observador reparou na visita que ele fez a Anna

e o membro do círculo da penicilina fora avisado pelo telefone. Os acontecimentos nessa noite tinham-se dado rapidamente.

Lembram-se de que Kurtz vivia na zona russa, no Segundo Bezirck, para ser exato, numa rua larga, vazia, desolada, que vai dar a Prater Platz. Um homem como ele tinha provavelmente contatos influentes. Para um russo, era ruinoso ser visto em termos amigáveis com um americano ou um inglês, mas um austríaco era um aliado potencial, e de qualquer forma não é de recear a influência dos arruinados e derrotados.

É bom que fique claro que, neste período, a cooperação entre os aliados ocidentais e os russos tinha praticamente decaído.

O acordo original entre a Polícia de Viena e os Aliados confinava a Polícia Militar (que tinha de tratar dos crimes que envolviam o pessoal aliado) às suas zonas específicas, a não ser que fossem autorizados a entrar na zona do outro Poder. Este acordo funcionava razoavelmente entre os três Poderes Ocidentais. Bastava-me telefonar para os meus colegas americanos e franceses antes de mandar os meus homens fazer uma prisão ou prosseguir uma investigação. Durante os primeiros seis meses da ocupação, tudo funcionara bem com os russos: talvez passassem quarenta e oito horas até que eu obtivesse autorização, e na prática acontece poucas vezes ter de trabalhar mais rapidamente do que isso. Mesmo em Inglaterra, nem sempre é possível conseguir um mandato de captura ou autorização dos respectivos superiores para deter mais rapidamente um suspeito. Então as quarenta e oito horas tornam-se numa semana ou em quinze dias, e eu lembro-me de o meu colega americano olhar subitamente para os seus registos e descobrir que havia quarenta casos que datavam de há três meses e nem sequer fora acusada a recepção dos pedidos. Então os sarilhos surgiram. Começamos a recusar ou a não responder aos pedidos russos e, às vezes, mesmo sem autorização, eles enviavam a Polícia e havia choques... Na altura desta história, os Poderes Ocidentais tinham mais ou menos cessado de responder aos pedidos russos. Isto queria dizer que, se eu quisesse apanhar Kurtz, seria melhor fazê-lo fora da zona russa, embora, claro, fosse sempre possível que as suas atitudes ofendessem os russos, e

então o seu castigo seria mais súbito e severo do que aquele que nós lhe infligiríamos.

Bem, o caso de Anna Schmidt foi um dos mais importantes: quando Rollo Martin apareceu bêbado às quatro da manhã no quarto de Anna para lhe contar que vira o fantasma de Harry, foi-lhe dito por um porteiro assustado que ainda não conseguira voltar a adormecer que ela fora levada pela Patrulha Internacional.

O que aconteceu foi o seguinte: a Rússia, lembrem-se, ocupava a presidência no que dizia respeito à Cidade Interior, e quando a Rússia estava no comando era de esperar algumas irregularidades. Nesta ocasião, o polícia russo da patrulha carregara no acelerador e dirigia o carro para a rua onde vivia Anna Schmidt. O polícia militar britânico de serviço nessa noite era novo no ofício: não percebeu, até os seus colegas lhe dizerem, que tinham entrado em zona britânica. Falava um pouco de alemão e nada de francês, e o francês, um homem cínico, desistiu de lhe explicar. O americano encarregou-se disso.

— Comigo está tudo bem — disse ele. — Mas estará bem consigo? O britânico bateu no ombro do russo, que virou a sua face mongol e começou a falar incompreensivelmente. O carro continuou.

À porta do prédio de Anna Schmidt, o americano tomou parte no jogo e perguntou em alemão o que se passava. O francês encostou-se ao carro e acendeu um fedorento cigarro. A França não estava envolvida e nada do que não dizia respeito à França tinha para ele genuína importância. O russo disse algumas palavras em alemão e mostrou uns papéis. Subiram as escadas e o russo tentou abrir a porta de Anna. Estava bem trancada, mas ele abriu-a com o ombro, sem dar à ocupante oportunidade para a abrir. Anna estava na cama, embora eu suponha que não estivesse a dormir, depois da visita de Martin.

Há um pouco de comédia nestas situações quando não se está diretamente envolvido. É preciso que se viva numa atmosfera de terror tipo Europa Central, filho de um pai que esteja do lado dos falhados, ambientes de buscas a casas e desaparecimentos, antes que o medo ultrapasse a comicidade. O russo recusou-se a sair do

quarto enquanto Anna se vestia; o inglês recusou-se a ficar lá; o americano não quis deixar uma rapariga desprotegida com um soldado russo, e o francês, bem, o francês, penso que o francês achou tudo divertido. Conseguem imaginar a cena? O russo a cumprir o seu dever, observando constantemente a rapariga sem um olhar de interesse sexual; o americano, cavalheirescamente virado de costas, mas consciente, tenho a certeza, de cada movimento; o francês a fumar o seu cigarro e a observar com ar divertidamente desprendido a rapariga que se vestia frente ao espelho do guarda-fato; e o inglês estava especado à entrada sem saber o que fazer a seguir.

Não quero que fiquem a pensar que o polícia inglês se saiu mal deste caso. À entrada, discreto por cavalheirismo, teve tempo para pensar, e as suas reflexões levaram-no ao telefone do apartamento ao lado. Ligou para minha casa e acordou-me de um profundo sono. Foi por isso que, quando Martin me telefonou uma hora mais tarde, eu já sabia o que o preocupava; isso deu-lhe uma impressão não merecida sobre a minha eficiência; depois dessa noite não o voltei a ouvir falar mal de polícias ou xerifes.

Tenho de explicar outro ponto do procedimento da Polícia. Se a Patrulha Internacional fazia uma prisão, tinha de alojar o seu prisioneiro no Quartel-General Internacional durante vinte e quatro horas. Durante esse período seria determinado qual dos Poderes poderia justificadamente reclamar o prisioneiro.

Era esta regra que os russos estavam preparados para quebrar.

Devido ao fato de poucos de nós saberem falar russo e de os russos estarem proibidos de expor os seus pontos de vista (tentem expor o vosso ponto de vista sobre qualquer assunto numa língua que não conheçam bem, não é tão fácil como encomendar uma refeição), temos tendência a ver qualquer parte de acordo com os russos como deliberadamente maligno. Penso que é muito possível que eles tenham entendido este acordo como dizendo respeito unicamente aos prisioneiros que disputavam. A verdade é que havia disputa em relação a quase todos os prisioneiros que apanhavam, mas não havia disputa nos seus espíritos e ninguém tinha o sentido

tão apurado do que estava certo como os russos. Até nas suas confissões um russo é consciente — faz as suas revelações, mas não se desculpa, não precisa de se desculpar.

Tudo isto tinha de ser levado em conta. Dei as minhas instruções ao cabo Starling.

Quando ele voltou ao quarto de Anna, havia discussão. Anna dissera ao americano que tinha papéis austríacos (o que era verdade) e que estes estavam em ordem (o que já não era tão verdade). O americano disse ao russo em mau alemão que eles não tinham o direito de prender uma cidadã austríaca. Pediu os papéis a Anna e quando ela os apresentou o russo-deitou-lhes a mão.

— Húngara — disse ele, apontando para Anna. — Húngara — e depois, folheando os papéis: — Mau, mau.

O americano, cujo nome era O'Brien, disse: — Dê os papéis à rapariga.

E o russo, claro, não entendeu. O americano colocou a mão na arma e o cabo Starling disse delicadamente: — Deixa-a, Pat.

— Se esses papéis não estão em ordem, temos de olhar bem para eles.

— Deixa-a. Vemos os papéis no Quartel-General.

— Se lá chegarmos. Não se pode confiar nestes condutores russos. De certeza que ele vai direito à zona dele.

— Veremos — respondeu Starling.

— O problema com vocês, britânicos, é que nunca sabem quando se devem opor.

— Oh, bem — disse Starling. Estivera em Dunquerque, mas sabia calar-se quando era preciso.

Entraram no carro com Anna, que se sentou à frente entre dois russos, morta de medo. Passado algum tempo, o americano tocou o russo no ombro: — Não é por aí — disse. — O Quartel-General é por ali.

O russo respondeu na sua língua, fazendo um gesto conciliatório, enquanto continuava a conduzir. — É o que eu disse — comentou O'Brien para Starling. — Estão a levá-la para a zona russa.

Anna olhou aterrorizada pela janela.

— Não se preocupe, pequena — disse O'Brien. — Eu trato deles.

Colocou de novo a mão por cima do revólver. Starling disse: — Ouve lá, Pat, este caso é britânico. Não tens nada que te envolver.

— Tu és novo nisto. Não conheces estes safados.

— Não vale a pena provocar um incidente.

— Por amor de Deus — disse O'Brien —, não vale a pena?

Esta pequena tem de ter proteção.

Parece-me que o cavalheirismo americano é sempre cuidadosamente canalizado — estamos sempre à espera do santo americano que venha beijar os pés dos leprosos.

O condutor travou subitamente: a rua estava bloqueada. Uma vez que não se dirigiam para o Quartel-General Internacional na Cidade Interior, teriam de passar por este posto militar.

Eu pus a cabeça fora da janela e disse ao russo, na língua dele: — Que está a fazer na zona britânica? Ele resmungou qualquer coisa como são ordens.

— Ordens de quem? Mostre. — Reparei na assinatura, era uma informação útil. — Isto diz-lhe para ir buscar um indivíduo de nacionalidade húngara, criminoso de guerra, que vive com papéis falsos na zona britânica — disse eu. — Deixe-me ver os papéis.

Ele começou a dar uma longa explicação, mas eu vi os papéis a saírem-lhe do bolso e puxei-os. Ele tentou agarrar a arma e eu esmurrei-lhe a cara; senti-me mal a fazer isso, mas é a atitude que se espera de um oficial zangado, e isso trouxe-o à razão, isso e o fato de ter visto soldados britânicos que se aproximavam. — Estes papéis parecem-me em ordem, mas vou investigá-los e mandarei um relatório com o resultado ao seu coronel — disse eu. — Claro que ele pode em qualquer altura pedir a extradição desta senhora. O que queremos é prova das suas atividades criminosas. Parece-me que não encaramos a nacionalidade húngara como russa.

Ele arregalou os olhos para mim (o meu russo era provavelmente meio incompreensível) e eu disse para Anna: — Saia do carro.

Como ela não podia passar por cima do russo, tive de o puxar primeiro. Depois, pus-lhe um maço de cigarros na mão e disse: — Fume-os à vontade.

Acenei aos outros, dei um suspiro de alívio e o incidente ficou encerrado.

## Capítulo XIII

Enquanto Martin me contava como regressara a casa de Anna e não a encontrara, fartei-me de pensar. Eu não estava satisfeito com a história do fantasma ou com a ideia de que o homem com as feições de Harry Lime fosse ilusão de um bêbado.

Peguei em dois mapas de Viena e comparei-os. Telefonei ao meu assistente e, deixando Martin sossegado com um copo de uísque, perguntei-lhe se já tinha localizado Harbin. Ele disse que não; sabia que este tinha saído de Klaglenfurt havia uma semana para visitar a família numa zona adjacente. Gostamos sempre de fazer tudo, e temos de nos precaver contra os mais jovens. Estou convencido de que nunca teria deixado perder o rasto de Harbin, mas talvez tivesse cometido toda a espécie de erros que o meu júnior teria evitado.

— Desculpe, senhor.— Deixe lá. É uma daquelas coisas...

A sua voz jovem e entusiasta — se ao menos ele conseguisse sentir esse entusiasmo com um trabalho de rotina! Quantas oportunidades e inspirações interiores se perdem só porque o trabalho se tornou rotina.

— Sabe, senhor, não posso deixar de pensar que afastamos a hipótese de crime demasiado facilmente. Há um ou dois pontos.

— Ponha isso por escrito, Carter.

— Sim, senhor. Penso, se me dá licença, senhor — Carter é muito jovem —, que deveríamos investigá-lo melhor. Não há nenhuma prova real de que ele tenha morrido na altura em que os outros o afirmaram. — Concordo, Carter. Entre em contato com as autoridades.

Martin tinha razão. Eu fizera figura de parvo, mas é preciso não esquecer que o trabalho da Polícia numa cidade ocupada não é como o trabalho no seu próprio país. Tudo é estranho: os métodos dos colegas estrangeiros, as normas das provas, até o procedimento com o inquérito. Suponho que atingira o estado de

espírito em que confiamos de mais no nosso próprio julgamento. Tinha-me sentido imensamente aliviado com a morte de Lime. Ficara satisfeito com o acidente.

— Olhou para dentro do quiosque, ou estava fechado? — perguntei a Martin.

— Oh, não era um quiosque de jornais — respondeu ele. — Era um daqueles sólidos quiosques metálicos que se encontram em todo o lado, coberto com cartazes.

— É melhor mostrar-me o local.

— Mas Anna está bem? — A Polícia está a vigiar o apartamento. Não vão fazer mais nada para já.

Eu não queria armar confusão na vizinhança com um carro da Polícia, por isso fomos de elétrico — tomamos vários elétricos —, mudando aqui e ali, e entramos a pé no distrito.

Eu não ia de uniforme e duvidei que, depois da tentativa com Anna, eles se arriscassem a pôr alguém de vigia.

— É aqui que viramos — disse Martin, conduzindo-me para uma rua. Paramos no quiosque. — Está a ver. Ele passou aqui por trás e desapareceu simplesmente do chão.

— Foi exatamente aí por onde ele desapareceu — respondi eu.

— Que quer dizer? Um transeunte vulgar nunca teria reparado que o quiosque tinha uma porta, e, claro, estava escuro quando o homem desaparecera. Abri a porta e mostrei a Martin as pequenas escadas metálicas em caracol que desapareciam no chão.

— Meu Deus, então não imaginei! — exclamou ele.

— É uma das entradas para o esgoto principal.

— E pode-se descer? — Claro. Por alguma razão os russos se opõem a que estas estejam fechadas.

— Até onde podemos ir? — Podemos atravessar Viena. As pessoas costumavam utilizar isto durante os ataques aéreos; alguns dos nossos prisioneiros estiveram aqui escondidos durante dois anos. Também os desertores e ladrões se têm servido disto. Se souber o caminho, pode sair em qualquer ponto da cidade por um buraco num quiosque igual a este. Os austríacos têm de ter uma Polícia especial para patrulhar estes esgotos.

Voltei a fechar a porta do quiosque.— Então foi assim que o seu amigo Harry desapareceu — disse eu.

— Acredita mesmo que era Harry? — Assim o indicam as provas.

— Então quem é que eles enterraram? — Ainda não sei, mas em breve descobriremos, porque vamos desenterrá-lo. Tenho a ideia de que Koch não foi o único homem incômodo que eles assassinaram.

— Estou um tanto chocado — disse Martin.

— Claro.

— Que vai fazer sobre isso? — Não sei. Não vale a pena recorrer aos russos, e pode apontar que neste momento ele está escondido na zona russa.

Não sabemos nada agora sobre Kurtz, já que o Harbin desapareceu, ou fizeram-no desaparecer, ou então não teriam simulado aquela morte e funeral. — Mas é estranho, não é, que Koch não tivesse reconhecido o rosto do morto pela janela? — A janela estava muito acima e o rosto devia estar desfigurado quando agarraram no corpo.

— Quem me dera falar com ele! Há tanta coisa em que não consigo acreditar! — disse ele pensativamente.

— Talvez você seja a única pessoa que lhe poderá falar, embora seja arriscado, porque sabe de mais.

— Ainda não posso crer, só vi o rosto durante um momento. Que faço? — perguntou ele.

— Lime não vai sair agora da zona russa; talvez por isso tenha insistido em que apanhassem a rapariga, por a amar, será? Ou será porque não se sente seguro? Não sei. Só sei que as únicas pessoas que o poderiam persuadir a voltar seriam você ou ela. Se ele acreditar que você ainda é amigo dele. Mas primeiro tem de falar com ele, só não estou a ver como.

— Eu poderia ir visitar Kurtz. Tenho a morada.

— Lembre-se disto. Lime pode não querer que você saia da zona russa, uma vez lá, e eu aí também não o posso proteger — disse eu.

— Quero esclarecer o raio deste assunto — disse Martin —, mas não vou funcionar como isca. Falarei com ele. Só isso.

## Capítulo XIV

Uma falsa paz pairava sobre Viena; o vento deixara de soprar e já não caía neve havia vinte e quatro horas. Todos os elétricos tinham andado cheios de manhã, a caminho de Grinzing, onde o vinho novo é forte, e das encostas cobertas de neve. Caminhando sobre a ponte militar que atravessava o canal, Martin tinha consciência do vazio daquela tarde: os jovens andavam cá fora com os seus tobogãs e esquis, e tudo à sua volta estava envolvido na sonolência dos velhos que fazem a sesta. Um letreiro informou-o de que estava a entrar na zona russa, mas não havia sinais de ocupação. Viam-se mais soldados russos na Cidade Interior do que ali. .

Deliberadamente, não avisara Kurtz da sua visita. Era melhor surgir sem aviso do que ter recepção preparada. Teve o cuidado de levar consigo todos os papéis, incluindo o livre-trânsito dos Quatro Poderes, que o autorizava a movimentar-se à vontade através de todas as zonas de Viena. Estava tudo extraordinariamente calmo daquele lado do canal. Um jornalista melodramático havia pintado uma imagem de terror silencioso, mas a verdade consistia simplesmente nas ruas mais largas, nas ruínas, nas poucas pessoas que passeavam naquela tarde de sábado. Não havia nada a recear, mas mesmo assim, naquela enorme rua vazia onde se ouviam constantemente os próprios passos, era difícil não olhar para trás.

Não teve dificuldade em encontrar o apartamento de Kurtz, e quando tocou à campainha a porta foi rapidamente aberta pelo próprio Kurtz, como se este esperasse uma visita. — Oh — disse Kurtz —, é o senhor, Mr. Martin — e fez um gesto perplexo com a mão em direção à cabeça. Martin estivera a pensar por que razão parecia ele tão diferente e agora sabia. Kurtz não usava a peruca, e no entanto não era careca. Tinha um cabelo absolutamente normal cortado curto. — Devia ter-me telefonado — acrescentou. — Quase não me encontrou. Ia a sair.

— Posso entrar por um momento? — Claro.

Na entrada havia um armário aberto, e Martin viu o sobretudo de Kurtz, a gabardina, dois chapéus e, pendurado num cabide, a peruca.

— Estou satisfeito por ver que lhe cresceu o cabelo — disse, e viu, pelo espelho da porta do guarda-fato, o olhar de ódio no rosto corado de Kurtz.

Quando se voltou, Kurtz sorriu-lhe com ar conspirador e disse vagamente: — Mantém a cabeça quente.

— A cabeça de quem? — perguntou Martin, porque lhe ocorrera subitamente como aquele chinó deveria ter sido útil no dia do acidente. — Deixe lá — atalhou rapidamente, porque a sua meta não era Kurtz. — Estou aqui para ver o Harry.

— Harry? — Quero falar com ele.

— Está maluco? — Tenho pressa, portanto admitamos que estou louco. Mas tome a minha loucura a sério. Se por acaso vir Harry, diga-lhe que quero falar com ele. Um fantasma não tem medo de um homem, não? Com certeza que até é ao contrário. Esperarei por ele no Prater, junto à Grande Roda, durante as próximas duas horas. Portanto, se pode pôr-se em contato com ele, despache-se. — E acrescentou: — Lembre-se, eu era amigo de Harry. Kurtz não respondeu, mas algures noutra compartimento alguém pigarreou. Martin abriu a porta de rompante; esperava voltar a ver um morto ressuscitar, mas era apenas o doutor Winkler, que se levantou de uma cadeira em frente ao forno da cozinha e se curvou muito direito e correto, com o mesmo porte de celuloide.

— Doutor Winkle — disse Martin. O doutor Winkler parecia extraordinariamente deslocado numa cozinha. Os restos de uma refeição ligeira estavam ainda em cima da mesa e os pratos sujos contrastavam bastante com o asseio do doutor Winkler.

— Winkler — corrigiu-o o médico com enorme paciência.

Martin disse a Kurtz: — Fale ao doutor da minha loucura. Talvez ele possa fazer um diagnóstico. E lembre-se do local, junto à Grande Roda. Ou os fantasmas só se levantam à noite? E com isto saiu do apartamento.

Esperou durante uma hora, caminhando para cima e para baixo, de forma a manter-se quente, junto à Grande Roda; o Prater destruído, que emergia da camada de neve, estava quase vazio.

Numa barraca vendiam-se bolos espalmados como rodas de carroças e as crianças formavam bicha com os seus cupões.

Alguns pares de namorados enfiavam-se num carro da Grande Roda e giravam vagarosamente por cima da cidade, rodeados de carros vazios.

Quando o carro chegasse ao ponto mais alto da Roda, as revoluções parariam durante alguns minutos e lá muito em cima os rostos comprimir-se-iam contra o vidro. Martin perguntou-se se viria alguém ter com ele. Restaria ainda alguma amizade em Harry para vir sozinho, ou chegaria um esquadrão da Polícia? Era óbvio, a julgar pelo assalto ao apartamento de Anna Schmidt, que ele tinha alguma influência. E à medida que o seu relógio ia marcando as horas começou a interrogar-se: "Será tudo imaginação da minha cabeça? Estarão agora a desenterrar o corpo de Harry no Cemitério Central?" Algures, por detrás da barraca dos bolos, um homem assobiou, e Martin reconheceu a melodia. Virou-se e esperou. Seria o medo ou a agitação que fazia o seu coração bater, ou unicamente as recordações que a melodia lhe despertava, porque a vida sempre decorrera mais depressa cada vez que Harry se aproximava, tal como agora, como se nada de especial tivesse acontecido nem ninguém tivesse sido descido ao túmulo ou encontrado numa cave com a garganta cortada? Apareceu com o seu ar divertido e determinado com que sempre convencia as pessoas.

— Harry.

— Olá, Rollo! Não imaginem Harry Lime como um malandro sem caráter. Ele não era assim. A fotografia que tenho dele nos meus arquivos é excelente! Foi apanhado por um fotógrafo de rua, com as pernas robustas afastadas, os ombros largos ligeiramente curvados, um estômago habituado a boa comida há demasiado tempo, um certo ar de manha no rosto, um ar de gênio, o reconhecimento de que a sua felicidade lhe daria sempre a vitória. Desta vez não cometeu o erro de estender uma mão que poderia ser recusada, mas em vez disso bateu ao de leve no cotovelo de

Martin e perguntou: — Como vão as coisas? — Temos de falar, Harry.

— A sós.

— Claro.

— Não podíamos estar mais à vontade noutra sítio do que aqui? Ele soubera sempre todos os truques e mesmo no arruinado parque de diversões soube gratificar a mulher encarregada da Roda, de maneira que ficassem com um carro só para eles.

— Os amantes costumavam fazer isto nos velhos tempos, mas agora não têm dinheiro para gastar, pobres diabos — disse ele, e olhou pela janela do carro, que subia, com genuína comiseração, enquanto os vultos cá em baixo diminuían.

Muito lentamente, de um dos lados, a cidade desaparecia; muito lentamente, do outro lado, surgia a grande carcaça da Roda. Enquanto o horizonte desaparecia, o Danúbio tornava-se visível e os pilares da Reichsbrücke erguiam-se acima das casas.

— Bem — disse Harry —, é bom ver-te, Rollo.

— Estive no teu funeral.

— Fui bastante esperto, não achas? — Não tão esperto em relação à tua rapariga. Ela também lá esteve, desfeita em lágrimas.

— É uma boa pequena — disse Harry. — Gosto muito dela.

— Não acreditei na Polícia quando me falaram de ti.

Harry disse: — Eu não te teria pedido que viesses se soubesse o que ia acontecer, mas não sabia que a Polícia andava atrás de mim.

— Fazias tenção de me meter nisso? — Nunca te deixei fora de nada, meu velho.

Voltou as costas para a porta enquanto o carro subia e sorriu para Rollo Martin, que se recordou dele com aquela mesma pose num canto do pátio da escola dizendo: "Consegui arranjar uma maneira de sair à noite. É segura. És o único a quem vou dizer." Pela primeira vez, Rollo Martin olhou para trás, para os anos passados, sem admiração, enquanto pensava: "ele nunca cresceu. Os demônios de Marlowe traziam petardos agarrados à cauda; o mal é como Peter Pan, traz consigo o horrendo dom da juventude

eterna." — Já visitaste o hospital infantil? Já viste alguma das tuas vítimas? — perguntou Martin.

Harry olhou para a paisagem em miniatura que ficava em baixo e afastou-se da porta.

— Nunca me sinto seguro dentro destas coisas — disse.

Agarrou a porta com a mão, como se receasse que ela se abrisse e o atirasse para o espaço. — Vítimas? — perguntou. — Não sejas melodramático, Rollo. Olha lá para baixo — continuou, apontando pela janela para as pessoas que se moviam como marcas negras na base da Roda. — Sentirias alguma pena se algum daqueles pontos lá em baixo deixasse de se mover para sempre? Se eu te disser que podes ganhar vinte mil dólares por cada ponto daqueles que parar, será que, meu velho, me vais dizer, sem hesitação, que guarde o meu dinheiro? Ou irás calcular quantos pontos poderias poupar? Livres de impostos, meu velho. — Sorriu de forma infantil e conspiratória. — É a única forma de amealhar hoje em dia.

— Não te podias ter limitado ao negócio dos pneus? — Como o Cooler? Não. Sempre fui ambicioso.

— Agora estás arrumado. A Polícia sabe tudo.

— Mas não me podem apanhar, Rollo, verás. Eu vou aparecer outra vez. Não me conseguem deter.

O carro passou no ponto mais alto da curva e Harry voltou-se e olhou pela janela. Martin pensou: "Com um empurrão, eu poderia partir o vidro", e imaginou o corpo a cair, a cair por entre a estrutura metálica, uma peça a cair no meio das moscas.

— Sabes que a Polícia tenciona desenterrar o teu corpo. Que irão encontrar? — perguntou ele. — Harbin — respondeu Harry com simplicidade. Afastou-se da janela e disse: — Olha para o céu.

O carro chegara ao cimo da Roda e estava parado, enquanto a cor do sol-posto raiava de vermelho o céu amarrotado que se avistava por entre as vigas negras.

— Por que razão tentaram os russos levar Anna Schmidt? — Ela tinha papéis falsos, meu velho.

— Quem os informou? — O preço de se poder viver nesta zona, Rollo, são os serviços a prestar. De vez em quando tenho de

lhes dar algumas informações.

— Eu pensei que estivesse a tentar trazê-la para aqui porque é a tua pequena, porque a querias contigo.

Harry sorriu: — Não tenho assim tanta influência.

— Que lhe teria acontecido? — Nada de muito grave. Seria mandada de volta para a Hungria. De fato, não há nada contra ela. Talvez passasse um ano num campo de trabalho. Estaria sem dúvida muito melhor no seu próprio país do que a ser molestada pela Polícia britânica.

— Ela não lhes contou nada sobre ti.

— É boa pequena — repetiu Harry com orgulho e satisfação.

— Ama-te.

— Bem, passei com ela um bom bocado enquanto durou.— E eu amo-a.

— Ainda bem, meu velho. Sê bom para ela, que ela merece-o.

Estou contente. — Dava a impressão de que tinha arranjado tudo de maneira a contentar toda a gente. — E podes fazer que ela mantenha a boca calada. Não que ela saiba alguma coisa importante. — Apetecia-me atirar-te da janela.

— Mas não o farás, meu velho. As nossas discussões nunca duram muito. Lembra-te daquela horrível no Mônaco em que juramos que era de vez? Eu confiaria em ti em qualquer lado, Rollo. Kurtz tentou convencer-me a não vir, mas eu conheço-te.

Depois tentou convencer-me a arranjar um acidente. Disse que seria muito fácil neste carro.

— Exceto que eu sou o mais forte.

— Mas eu estou armado. Pensas que uma ferida de bala se iria notar quando chegasses lá abaixo? — De novo o carro começou a mover-se, descendo lentamente, até que as moscas se tornaram anões e depois seres humanos reconhecíveis. — Que tolos somos, Rollo, falando assim, como se eu te fosse fazer uma coisa dessas, ou tu a mim. — Voltou as costas e encostou o rosto contra o vidro. Um empurrão... — Quanto ganhas por ano com os teus Westerns, meu velho? — Mil.

— Com impostos. Eu ganho trinta mil, livres deles. É a moda.

Nos nossos dias, meu velho, ninguém pensa em termos de seres humanos. Se os governos não o fazem, porque o deveríamos fazer nós? Eles falam do povo e do proletariado e eu falo nos trouxas. É a mesma coisa. Eles têm os seus planos para cinco anos e eu também.

— Tu eras católico.

— Oh, e ainda acredito, meu velho. Em Deus e na misericórdia e tudo isso. Não estou a ferir a alma de ninguém com o que faço. Os mortos são mais felizes mortos. Não sentem muito a falta disto, pobres diabos — acrescentou ele, com aquele toque de piedade genuína, enquanto o carro chegava à plataforma e os rostos das hipotéticas vítimas, aqueles rostos cansados à procura de prazer, espreitavam. — Poderia meter-te nisto, sabes. Seria útil. Não deixei ninguém na Cidade Interior.

— Exceto Cooler? E Winkler? — Não te deves armar em polícia. — Saíram do carro e ele voltou a pôr a mão no cotovelo de Harry. — Foi uma brincadeira. Sei que não o vais fazer. Ouviste falar recentemente do velho Bracer? — Mandou-me um cartão de Natal.

— Esses é que eram bons tempos, meu velho. Tenho de te deixar aqui. Voltaremos a ver-nos. Se te meteres nalgum sarilho, podes sempre contatar-me através de Kurtz. Afastou-se e, voltando-se, acenou-me com a mão que tivera o tato de não me estender: era como se todo o passado se movesse sob uma nuvem.

Martin gritou de repente: — Não confies em mim, Harry — mas a distância já era muita para as palavras serem ouvidas.

## Capítulo XV

— Anna estava no teatro — contou-me Martin — para a matinê de domingo. Tive de assistir àquela comédia horrível pela segunda vez. Era sobre um compositor de meia-idade e uma rapariga enfatuada e uma esposa compreensiva, terrivelmente compreensiva. Anna representava pessimamente, não era grande atriz. Vi-a depois no camarim, mas não estava bem-disposta.

Acho que ela pensou que eu me estava a atirar a ela e ela não estava interessada nisso. Disse-lhe que Harry estava vivo.

Pensei que ela ia ficar satisfeita e eu furioso por vê-la satisfeita, mas sentou-se frente ao espelho e deixou que as lágrimas lhe borrassem a pintura — e aí fiquei a desejar que ela se tivesse sentido contente. Ela estava com um aspecto horrível e eu amava-a. Depois contei-lhe o meu encontro com Harry, mas ela não estava a prestar muita atenção, pois quando acabei ela disse: — Quem me dera que ele estivesse morto.

— Merecia estar — respondi eu.

— Quero dizer que então ficaria em segurança.

Perguntei a Martin: — Mostrou-lhe as fotografias das crianças que lhe dei? — Sim. Pensei que desta vez era a matar e ela tiraria os pensamentos de Harry. Espalhei as fotografias em cima da mesa, por cima dos frascos de pintura. Ela não pôde deixar de as ver. Disse-lhe: — A Polícia não pode prender Harry, a não ser que ele venha para esta zona, e nós temos de ajudar.

Ela respondeu: — Julguei que ele era seu amigo. Eu respondi: — Ele foi meu amigo.

E ela disse: — Não o ajudarei a apanhar Harry. Não quero voltar a vê-lo; não quero ouvir a sua voz. Não quero que ele me toque, mas não farei nada para o prejudicar.

Senti-me amargurado, não sei bem porquê, já que afinal não tinha feito nada por ela. Até o Harry tinha feito mais do que eu. "Você ainda o quer", disse como se a acusasse de um crime.

— Eu não o quero, — disse ela —, mas ainda penso nele. Isso é um fato, não é como a amizade. Quando sonho com sexo, ele é sempre o homem.

Insisti com Martin quando ele hesitou: — Sim? — Oh, levantei-me e saí. Agora é a sua vez. Que quer que eu faça? — Quero agir com rapidez. Sabe, era o corpo de Harbin que estava no caixão, por isso podemos apanhar já Winkler e Cooler. Kurtz, para já, está fora do nosso alcance e o condutor também. Faremos um pedido formal aos russos para poder prender Kurtz e Lime. Se o vamos usar a si como isca, a sua mensagem deve ser imediatamente enviada para Harry, e não depois de você andar vinte e quatro horas por esta zona. Vai ser assim: você foi trazido aqui para interrogatórios logo que regressou à Cidade Interior; então eu falei-lhe de Harbin; você juntou dois e dois e foi avisar Cooler. Vamos deixar Cooler escapar para nos conduzir a caça mais grossa, não temos provas de que ele esteja metido no negócio da penicilina. Ele fugirá para o Segundo Bezirk, irá juntar-se a Kurtz e Lime saberá que você está a alinhar no jogo. Três horas mais tarde você manda uma mensagem a dizer que a Polícia anda atrás de si; diz que está escondido e precisa de o ver. — Ele não virá.

— Não estou tão certo disso. Escolheremos cuidadosamente o nosso esconderijo, onde ele pense que corre um risco mínimo.

Vale a pena tentar. Será um desafio ao orgulho e sentido de humor dele tirá-lo a si de apuros. E assim calá-lo-ia.

Martin disse: — Ele nunca me safava na escola.

Era óbvio que estivera a recordar cuidadosamente o passado e estava a chegar a conclusões.

— Mas esses sarilhos não eram tão sérios e não havia perigo.

Ele disse: — Eu disse ao Harry que não confiasse em mim, mas ele já não me ouviu.

— Concorda? Ele tinha-me devolvido as fotografias das crianças e estas estavam na minha secretária. Vi-o olhar de novo longamente para elas.

— Sim — disse ele. — Concordo.

## Capítulo XVI

A princípio, tudo correu conforme o plano. Protelamos a prisão de Winkler, que regressara do Segundo Bezirck, até Cooler ter sido avisado. Martin gostou do seu breve encontro com Cooler. Cooler recebera-o sem embaraço e até com certo ar protetor.

— Então, Mr. Martin, que bom vê-lo por cá. Sente-se. Ainda bem que tudo correu pelo melhor entre o senhor e o coronel Calloway. Um tipo às direitas, o Calloway.

— Não correu bem — respondeu Martin.

— Espero que não me guarde rancor por o ter informado da sua visita a Koch. Eu pensei deste modo: se você estava inocente, esclareceria logo as coisas; se fosse culpado, bem, o fato de eu ter simpatia por si não me deveria impedir de o denunciar.

O cidadão tem certos deveres.

— Tal como prestar falsos testemunhos no tribunal.

Cooler disse: — Oh, essa velha história. Receio que esteja zangado comigo.

Veja as coisas assim: o senhor, como cidadão, tem obrigações...

— A Polícia desenterrou o corpo. Vão andar atrás de si e do Winkler. Quero avisar Harry...

— Não estou a perceber.

— Está, sim.

E era óbvio que estava. Martin deixou-o abruptamente. Não queria mais nada com aquele rosto de filantropo.

Agora só faltava lançar a armadilha. Depois de estudar o mapa da rede de esgotos, cheguei à conclusão de que um café perto da entrada principal do esgoto maior, que estava situado, como todos os outros, dentro de um quiosque de anúncios, seria o melhor local para tentar Lime.

Teria só de sair do buraco, andar alguns metros, levar Martin consigo e voltar a desaparecer na obscuridade dos esgotos. Ele não

fazia ideia de que este método de evasão fosse do nosso conhecimento: provavelmente sabia que o patrulhamento dos esgotos acabava antes da meia-noite e o seguinte não começava antes das duas. Desta forma, à meia-noite, Martin estava sentado no pequeno e frio café em frente ao quiosque, a beber café atrás de café. Eu emprestara-lhe um revólver e colocara alguns homens o mais próximo possível do quiosque e a patrulha dos esgotos estava a postos para fechar os buracos e começar a varrer os canais interiores até ao extremo da cidade. Mas eu tencionava, se isso fosse possível, apanhá-lo antes de ele se enfiar no subterrâneo. Isso evitaria maiores sarilhos e diminuiria o risco de Martin. E assim, tal como já disse, Martin estava sentado no café.

O vento voltava a soprar com intensidade, mas não nevava.

Era um vento gelado, vindo do Danúbio, e na pequena praça relvada junto ao café fazia levantar a neve como a crista de uma onda. Não havia aquecimento no café e Martin aquecia as mãos contra a xícara quente, xícaras que já não tinham conta. Estava sempre um dos meus homens com ele no café, mas eu trocava-o de vinte em vinte minutos. Passou mais de uma hora. Martin já desesperava e eu também, no local onde me encontrava, junto do telefone, algumas ruas adiante, com uma patrulha dos esgotos pronta a descer, se fosse necessário.

Tinham mais sorte do que Martin, porque estavam agasalhados desde a ponta dos pés até à cabeça. Um dos homens tinha uma pequena lanterna do tamanho de um farol presa ao casaco e o outro trazia um punhado de velas. O telefone tocou. Era Martin. Disse: — Estou a morrer de frio. Falta um quarto para a uma. Vale a pena continuar com isto? — Você não devia telefonar. Deve manter-se à vista.

— Já bebi várias xícaras deste café horrível. O meu estômago não aguenta muito mais.

— Se ele vier, já não pode tardar muito. Não vai querer encontrar a patrulha das duas da manhã. Aguarde mais um quarto de hora, mas mantenha-se afastado do telefone.

De repente, Martin disse: — Meu Deus, ele está aqui! Ele...

E de repente a ligação foi cortada.

Eu disse para o meu assistente: — Avise os guardas aos buracos. — E para a patrulha de esgotos: — Vamos a descer.

O que aconteceu foi isto: Martin estava ainda ao telefone comigo quando Harry entrara no café. Não sei o que ele ouviu, se é que ouviu alguma coisa. A simples visão de um homem procurado pela polícia e sem amigos em Viena, a falar ao telefone, deve ter sido suficiente para o avisar. Voltou a sair do café antes que Martin tivesse pousado o auscultador.

Era um daqueles momentos em que nenhum dos meus homens estava no café. Um tinha acabado de sair e o outro preparava-se para entrar. Harry Lime passou por ele de raspão e correu para o quiosque. Martin saiu do café e viu o meu homem. Se tivesse gritado, teria sido um tiro fácil, mas suponho que não era Lime o traficante de penicilina que corria pela rua abaixo: era Harry. Martin hesitou o tempo suficiente para Lime colocar o quiosque entre eles, depois gritou: "É ele", mas Lime já descera para o subsolo.

Que mundo estranho, desconhecido da maior parte de nós, se encontra sob os nossos pés! Vivemos por cima de uma terra cavernosa de quedas de água e rios que correm, em que as marés sobem e descem como no mundo cá em cima. Se já alguma vez leram as aventuras de Allan Quatermain e o relato da sua viagem ao longo do rio subterrâneo da cidade de Milosis, poderão imaginar a cena do último paradeiro de Lime. O canal principal, com metade da largura do Tamisa, passa sob um arco enorme e é alimentado por correntes subsidiárias: estas correntes caem em cascata de níveis mais altos e são purificadas de forma que só nestes canais laterais é que o ar é empestado. A corrente principal é fresca, com um leve mau cheiro, e por todo lado, na escuridão, ouve-se o som da água que cai e corre. A maré acabava de encher quando Martin e os polícias chegaram ao rio: primeiro desceram a escadaria metálica, depois meteram por uma passagem tão pequena que tiveram de se curvar e em seguida a água começou a molhar-lhes os pés. O meu homem iluminava a corrente de água com a lanterna e disse: — Ele foi por ali.

À medida que a água se torna mais funda e vai ondeando, vai deixando para trás uma acumulação de lixo, e por isso ao longo das paredes se acumulavam cascas de laranja, velhas embalagens de cigarros, e Lime deixara rasto evidente, como se caminhasse na lama. O meu homem apontou a lanterna com a mão esquerda, enquanto com a direita segurava a arma. Disse para Martin: — Conserve-se atrás de mim, senhor, porque aquele sacana pode disparar.

— Então por que raio tem você de ir à frente? — É o meu trabalho, senhor.

A água chegava-lhes ao meio das pernas; o polícia mantinha a lanterna apontada para a frente: — O mais estúpido é que esse sacana não tem hipótese —, disse ele. — As saídas estão guardadas e o caminho para a zona russa está vigiado. O que os nossos têm a fazer agora é começar a vasculhar as passagens laterais.

Tirou um apito do bolso e apitou, e de muito longe, aqui e ali, chegaram os sons da resposta.

— Estão todos cá em baixo, os da patrulha do esgoto.

Conhecem este local tão bem como eu conheço Tottenham Court Road. Gostava que a minha velhota me pudesse ver agora — disse ele, erguendo a lanterna por um momento. E nessa altura veio o tiro. A lanterna caiu-lhe das mãos e ele caiu com um grito: — Raios partam aquele bastardo! — Está ferido? — Raspou-me a mão, foi só isso. Uma semana sem trabalhar.

Pegue nesta lanterna, por favor, enquanto eu ligo a minha mão.

Não a acenda. Ele está numa das passagens laterais.

Durante bastante tempo manteve-se o eco do tiro: quando o último eco morreu, outro tiro assobiou por cima deles e o companheiro de Martin respondeu.

Martin disse: — É estranho... — nem sequer sei o seu nome.

— Bates, senhor. — Deu uma risada na escuridão. — Este não é o meu pouso habitual. Conhece o Horseshoe, senhor? — Sim.

— E o duque de Grafton? — Também.

— Bem, é preciso muito para formar o mundo! Martin disse:  
— Deixe-me ir à frente. Acho que ele não vai disparar contra mim e eu quero falar com ele.

— Tenho ordens para olhar por si, senhor. Tenha cuidado.

— Está bem. Passou à frente de Bates, enterrando um pé na corrente, à medida que avançava. Quando já estava mais à frente, chamou: — Harry! — E o nome ecoou: "Harry! Harry!" E estes sons ecoaram e provocaram um coro de repetições.

Voltou a chamar: — Harry. Sai daí. Não adianta fugires.

Uma voz vinda de muito perto fê-los encostarem-se à parede.

— És tu, meu velho? Que queres de mim? — Sai daí. Põe as mãos sobre a cabeça.— Não tenho lanterna. Não vejo nada.

— Tenha cuidado, senhor — disse Bates.

— Encoste-se contra a parede. Ele não atira contra mim — disse Martin. Voltou a chamar.

— Harry, vou apontar-te uma lanterna. Faz jogo limpo e sai daí. Não tens hipótese.

Acendeu a lanterna e, a alguns metros de distância, Harry apareceu.

— Mãos acima da cabeça, Harry.

Harry levantou a mão e disparou. O tiro fez ricochete contra a parede a pouca distância da cabeça de Martin e este ouviu Bates gritar. Nesse momento, uma lanterna iluminou todo o canal, apanhou Harry, depois Martin, depois os olhos abertos de Bates, que estava mergulhado na água, que lhe chegava ao peito. Uma embalagem vazia de cigarros introduzira-se na axila e ali ficara. O grupo comandado por mim chegara ao local.

Martin estava curvado sobre o corpo de Bates, com Harry Lime de permeio entre nós. Não podíamos disparar, com medo de atingir Martin, e a luz da lanterna confundia Lime.

Movemo-nos vagarosamente, com os revólveres a postos, e Lime movia-se como um coelho tonto de um lado para o outro; de repente deu um salto enorme para a corrente central. Quando viramos a lanterna na sua direção, estava submerso e a corrente levou-o rapidamente, passando pelo corpo de Bates, para fora do alcance da lanterna. Que levará um homem sem esperança a

agarrar-se a mais uns minutos de vida? Será uma qualidade ou um defeito? Não faço ideia.

Martin encontrava-se numa das extremidades iluminadas pela lanterna; tinha agora a arma e era o único de nós que podia disparar com segurança; pensei distinguir um movimento e chamei-o: — Ali. Ali. Dispare.

Ele levantou a arma e disparou, tal como disparara sob o mesmo comando havia tantos anos em Brickworth Common.

Disparou, tal como nessa altura, sem pontaria. Ouviu-se um grito de dor ecoar na caverna: uma censura, uma súplica.

— Muito bem — gritei e parei junto ao corpo de Bates. Estava morto. Os olhos continuavam abertos; alguém se curvou para retirar o maço de cigarros e atirá-lo ao rio, os restos de um maço Gold Flake: Bates estava agora bem longe de Tottenham Court Road.

Olhei para cima, mas Martin estava fora do meu campo de visão. Chamei-o e o grito perdeu-se numa confusão de ecos e no barulho do rio subterrâneo. Então ouvi um terceiro tiro.

Martin contou-me mais tarde: — Olhei para baixo à procura de Harry, mas não o consegui distinguir na escuridão. Tive receio de acender a lanterna: não queria que ele voltasse a disparar. Ele devia ter sido atingido pelo meu tiro à entrada da passagem lateral. Depois, suponho que terá conseguido chegar à escadaria metálica.

Alguns metros acima ficava a abertura, mas ele não deveria ter forças para a abrir e, mesmo que conseguisse, tinha a Polícia à espera lá em cima. Ele devia saber tudo isto, mas estava cheio de dores, e suponho que, tal como um animal que rasteja na escuridão para morrer, assim um homem procura a luz. Quer morrer em casa e a escuridão não nos é familiar. Começou a subir as escadas, mas a dor não lhe permitiu continuar. Que o terá levado a assobiar aquele absurdo pedaço de melodia que eu estupidamente acreditara ser da sua autoria? Estaria a tentar chamar a atenção, queria um amigo com ele, mesmo o amigo que lhe preparara uma armadilha, ou estaria a delirar? De qualquer modo, eu ouvi o assobio e caminhei ao longo da corrente, conseguindo subir até ao sítio onde ele se encontrava.

— Harry — disse eu, e o assobio parou, mesmo por cima da minha cabeça. Apoiei-me no corrimão metálico e subi. Ainda receava que ele disparasse. Então, três degraus acima, o meu pé bateu na mão dele, e ele ali estava. Apontei-lhe a lanterna: não tinha arma, devia tê-la deixado cair quando a minha bala o atingiu. Durante um momento pensei que ele estava morto, mas depois ele gemeu com dores.

— Harry — disse eu, e ele, com grande esforço, ergueu os olhos para mim; tentou falar e eu curvei-me para ouvir: — Raio de idiota — disse ele; e foi tudo. Não sei se ele estava a referir-se a si próprio (uma espécie de ato de contrição, embora inadequado, já que ele era católico), ou se se dirigia a mim, com os meus mil dólares por ano, sujeitos a impostos, e os meus imaginários ladrões de gado, que nem sequer sabiam matar um coelho. Depois começou a gemer e eu não agüentei mais e dei-lhe outro tiro.

— Esqueceremos este mau bocado — disse eu.

Martin respondeu. — Nunca conseguirei.

## Capítulo XVII

Nessa noite, a neve começou a derreter por toda a Viena, pondo a descoberto as ruínas horríveis; barras de ferro pendiam como estalactites e vigas ferrugentas emergiam como ossadas da lama cinzenta. Os enterros eram agora muito mais fáceis do que uma semana antes, quando era necessário recorrer a brocas elétricas para perfurar o solo gelado. O dia em que Harry Lime foi a enterrar pela segunda vez parecia quase de Primavera. Fiquei satisfeito por vê-lo de novo debaixo da terra, mas para isso tinha sido necessário morrerem dois homens. O grupo junto ao túmulo era agora mais reduzido: Kurtz não estava lá, nem Winkler — só a rapariga, Rollo Martin e eu próprio. E não houve lágrimas.

Depois de tudo acabar, a rapariga afastou-se sem uma palavra para qualquer de nós e desceu a comprida alameda, ladeada de árvores, que dava para a entrada principal e para a paragem dos elétricos.

— Estou com carro. Quer uma boleia? — perguntei a Martin.

— Não — respondeu ele. — Vou de eléctrico.— Você ganhou.

Provou que eu fui um parvo.

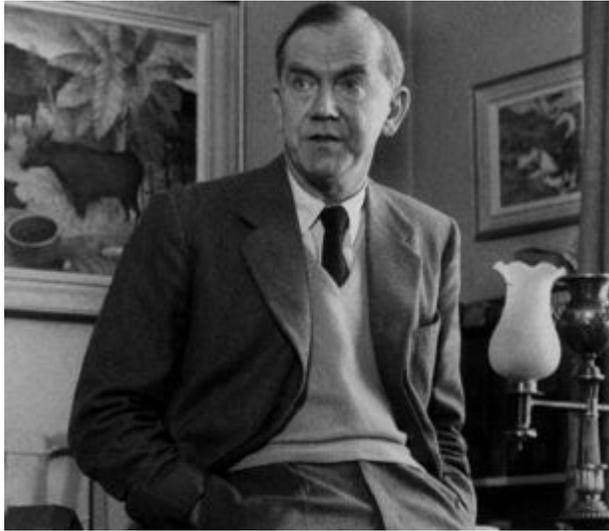
— Não ganhei nada — disse ele. — Perdi.

Observei-o a correr atrás da rapariga. Apanhou-a e caminharam lado a lado. Acho que ele não trocou com ela uma única palavra: era como o fim de uma história, exceto que antes de se afastarem da minha vista a mão dela pousava no braço dele, que é como geralmente começa uma história. Ele era um pobre observador de personalidades, mas tinha cá um jeito para Westerns e para raparigas (não sei porquê)! E Crabbin? Oh, Crabbin ainda está a discutir com a Embaixada Britânica sobre as despesas de Dexter. Eles dizem que não podem autorizar pagamentos simultâneos em Estocolmo e Viena.

Pobre Crabbin. E, pensando bem, pobres de nós!

**FIM**

# O Autor



GRAHAM GREENE (1904-1991) estudou na Berkhamsted School onde o pai era reitor. A mãe era prima direta de Robert Louis Stevenson. Seguiu-se o Balliol College, em Oxford, onde estudou História. Depois de uma aproximação fugaz do Partido Comunista, passou a integrar a redação do *The Times*. Em 1927 casou-se com Vivien Dayrell-Browning, com quem teve dois filhos. Pouco antes de se casar, abandonou o anglicanismo para adotar a religião da futura mulher, o catolicismo. Mas o verdadeiro amor de sua vida foi Catherine Watson, casada com grande amigo seu.

O primeiro romance — *The Man Within* (O Outro Eu) —, publicado em 1929, teve modesto acolhimento do público. Em 1930 abandonou o *Times* e passou a trabalhar como crítico de cinema e editor literário no *Spectator*, até 1940. O êxito literário chegaria em 1932 com a publicação do romance *Orient Express*.

A sua vida se tornaria uma aventura constante. Foi agente secreto do Foreign Office durante a Segunda Guerra Mundial sob as ordens do célebre agente duplo Kim Philby.

Correspondente da revista *Life*, viajou à Malásia durante a guerra, passou quatro invernos no Vietnã e assistiu ao processo de independência do Congo Belga. *Jornada sem Mapas* (1936) descreve sua estada na Libéria, seus dias no México são registrados em *The Lawless Roads* (1939) e os dias na África estão em *Two African Journals* (1961).

A preocupação com dilemas morais (pessoais, religiosos e políticos) e a consciência dramática do pecado caracterizam sua obra, tratada frequentemente com a técnica do thriller. Alguns de seus romances passaram à tela: *Oriente Expresso* (ou *Istanbul Train*, 1932, filmado em 1934), *Pago para Matar* (1936, filmado em 1942), *O Agente Secreto* (1939, filmado em 1945), *O Ministério do Medo* (1943, filmado em 1945), *Nosso Homem em Havana* (1958, filmado em 1959), *O Fator Humano* (1978, filmado em 1979).

*O Terceiro Homem* foi originalmente roteiro de cinema, filmado em 1949.

Graham Greene passou seus últimos dias no lago Lemã, na Suíça, onde seguia tratamento contra eucemia.

Suas experiências ficaram registradas em vinte e cinco romances, seis livros de contos e outros tantos de viagens, sete peças de teatro, um livro de poesia e dois volumes de memórias.

Das suas obras, destacam-se ainda: Poesia: *Babbling April*, 1925.

Romances: *Navegamos no Mesmo Barco*, 1935; *A Inocência e o Pecado*, 1938; *O Poder e a Glória*, 1940; *O Nó do Problema*, 1948; *O Fim da Aventura*, 1951; *O Americano Tranquilo*, 1955; *Os Comediantes*, 1966; *Viagens com a Minha Tia*, 1969; *O Cônsul Honorário*, 1973; *Monsenhor Quixote*, 1982; *O Décimo Homem*, 1985.

Contos: *Nineteen Stories*, 1947.

Peças de teatro: *A Casa dos Vivos*, 1953; *O Viveiro*, 1957; *O Amante Benévolo*, 1959.

Livros de memórias: *Uma Forma de Vida*, 1971, *Caminhos de Evasão*, 1980.